

JOVENS E A COVID-19:

IMPACTOS NO EMPREGO, NA EDUCAÇÃO, NOS
DIREITOS E NO BEM-ESTAR MENTAL





JOVENS E A COVID-19

IMPACTOS NO EMPREGO, NA EDUCAÇÃO, NOS
DIREITOS E NO BEM-ESTAR MENTAL

RELATÓRIO DO INQUÉRITO 2020

As publicações do *Bureau* Internacional do Trabalho gozam da proteção dos direitos de autor ao abrigo do Protocolo 2 da Convenção Universal sobre Direitos de Autor. Não obstante, podem ser reproduzidos pequenos excertos sem autorização, desde que a fonte seja indicada. Os direitos de reprodução ou tradução têm de ser solicitados, por escrito, à *Publishing* OIT (Direitos e Licenciamento), através da morada «ILO Publications (Rights and Licensing), International Labour Office, CH-1211 Geneva 22, Switzerland» ou do endereço de email: rights@ilo.org. O *Bureau* Internacional do Trabalho acolhe com agrado estas solicitações.

As bibliotecas, instituições e outros utilizadores registados numa organização de direitos de reprodução podem fazer cópias de acordo com as licenças que lhes foram emitidas para essa finalidade. Visite www.ifrro.org para encontrar a organização de direitos de reprodução do seu país.

ISBN: 978-972-704-446-7

Também disponível em [inglês]: *Youth and covid-19: impacts on jobs, education, rights and mental well-being*, ISBN: 9789220328606 (web pdf); [francês]: *Les jeunes et le COVID-19: impacts sur les emplois, l'éducation, les droits et le bien-être mental*, ISBN: 9789220328620 (web pdf); [espanhol]: *Los jóvenes y la pandemia de la COVID-19: efectos en los empleos, la educación, los derechos y el bienestar mental*, ISBN: 9789220328613 (web pdf).

A tradução e edição desta publicação só foi possível com o financiamento do Governo de Portugal através do Gabinete de Estratégia e Planeamento do Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social.

As designações constantes das publicações da OIT, que estão em conformidade com a prática seguida pelas Nações Unidas, e a apresentação do material nelas contido, não significam a expressão de qualquer juízo de valor por parte do *Bureau* Internacional do Trabalho em relação ao estatuto jurídico de qualquer país, zona ou território ou das suas autoridades, ou à delimitação das suas fronteiras.

A responsabilidade pelas opiniões expressas nos artigos assinados, nos estudos e noutros contributos, continua a ser exclusiva dos seus autores, pelo que a sua publicação não constitui uma aprovação por parte do *Bureau* Internacional do Trabalho das opiniões expressas nos mesmos.

A referência a nomes de empresas, produtos ou procedimentos comerciais não implica a sua aprovação pelo *Bureau* Internacional do Trabalho e o facto de não se mencionar uma determinada empresa, produto ou processo comercial não constitui um sinal de desaprovação.

Podem ser obtidas informações sobre as publicações e os produtos digitais da OIT em: www.ilo.org/publns.



Índice

Agradecimentos.....	1
Resumo executivo	2
1. Introdução	5
2. Descrição da amostra e métodos.....	10
3. Emprego	14
4. Ensino e Formação	24
5. Bem-estar Mental	30
6. Os direitos	35
7. Ativismo social e comportamentos dos jovens	38
8. Respostas políticas à COVID-19: a voz e as perceções dos jovens.....	42
9. Principais conclusões e ações de políticas de emprego para os jovens	46
Bibliografia	52

Lista de figuras

- Figura 1** Total de casos confirmados e de mortes por COVID-19 a nível mundial durante o período de inquérito
- Figura 2** Medidas de confinamento impostas pelos governos durante o período de inquérito
- Figura 3** Situação das pessoas inquiridas no mercado de trabalho, por idade
- Figura 4** Percentagem das pessoas inquiridas que declararam ter deixado de trabalhar após o início da pandemia
- Figura 5** Jovens trabalhadores (18-29 anos), por profissão e idade
- Figura 6** Percentagem de jovens (18-29 anos) que declararam uma alteração no rendimento (Painel A) e uma mudança global nas horas de trabalho (Painel B) desde o início da pandemia
- Figura 7** Percentagem de jovens (18-29 anos) que declararam reduções nas horas trabalhadas, no rendimento e na produtividade (autoavaliadas) em comparação com os níveis pré-COVID-19
- Figura 8** Percentagem de pessoas inquiridas que beneficiam de medidas políticas no âmbito do mercado de trabalho

- Figura 9** Percentagem de jovens (18-29 anos) que declararam que os seus estudos ou formação tinham sido interrompidos desde o início da pandemia
- Figura 10** Percentagem de jovens (18-29 anos) a quem foram oferecidas oportunidades de aprendizagem alternativas
- Figura 11** Perceções dos jovens (18-29 anos) sobre as mudanças na aprendizagem desde o início da crise da COVID-19 e sua avaliação de como estas irão afetar o sucesso dos estudos e formação
- Figura 12** Percentagem de jovens (18-29 anos) que iniciaram novos cursos e em que áreas de competência
- Figura 13** Escala de Bem-Estar Mental de *Warwick-Edinburgh* - Declarações e possíveis respostas (grupos etários 18-29 e 30-34 anos)
- Figura 14** Perceções dos jovens (18-29 anos) sobre as perspetivas futuras de carreira
- Figura 15** Extensão do impacto nos direitos dos jovens (18-29 anos)
- Figura 16** Bem-estar mental e a extensão do impacto nos direitos dos jovens (18-29 anos)
- Figura 17** Nível de ativismo social jovem (18-29 anos)
- Figura 18** Ativismo social jovem (18-29 anos) ao longo do tempo
- Figura 19** Percentagem de jovens (18-29 anos) que apoiam o reforço das medidas de confinamento
- Figura 20** Percentagem de pessoas inquiridas que apoiam as medidas políticas

Lista de quadros

- Quadro 1** Características da amostra
- Quadro 2** Diferenças de género nos resultados do emprego
- Quadro 3** Bem-estar mental (escala *SWEMWBS*)

Lista de caixas

- Caixa 1** Amostragem, representatividade e metodologia do inquérito
- Caixa 2** Conclusões comparáveis sobre o emprego jovem no Reino Unido

AGRADECIMENTOS

O Inquérito Mundial sobre os Jovens e a COVID-19 e o presente relatório foram preparados pela equipa *YOUTH* do Departamento de Emprego, Mercados de Trabalho e Jovens (EMPLAB) da Organização Internacional do Trabalho. O relatório foi coordenado por Susana Puerto Gonzalez e a equipa de redação foi constituída por Drew Gardiner, Jonas Bausch, Mohammed Danish, Eesha Moitra e Lena Xinyu Yan. O relatório beneficiou da orientação geral de Sukti Dasgupta, Chefe do Departamento de Emprego, Mercados de Trabalho e Jovens e Sangheon Lee, Diretor do Departamento de Política de Emprego da OIT.

Os pontos focais das agências parceiras da Iniciativa Mundial sobre Empregos Dignos para os Jovens prestaram apoio ao longo de todo o processo, incluindo na divulgação do inquérito e comentários ao relatório. Estes pontos focais incluem Noelle Guirola Paganini da AIESEC, George Charonis do Gabinete do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos, Nikita Sanaullah do Fórum Europeu da Juventude, Corinne Salinas do Fundo Fiduciário de Emergência da União Europeia para África e Peter Loewi do Grupo Principal das Nações Unidas para a Infância e a Juventude. A *Think Young* forneceu infografias para acompanhar o relatório.

Os comentários e contributos úteis de colegas da OIT ao questionário e ao relatório são devidamente reconhecidos, nomeadamente de: Konstantinos Papadakis, Mariangels Fortuny, Christiane Wiskow, Srinivas Reddy, Maria Prieto, Samuel Asfaha, Mohammed Mwamadzingo, Niall O'Higgins, Valter Nebuloni, Kee Beom Kim, Aurelio Parisotto, Woon Kyong Kang, Valeria Esquivel, Jealous Chirove, Bernd Mueller, Amal Mowafy, Dino Corell, Diego Rei, Ramiro Pizarro e Felix Weidenkaff. O Centro Comum de Investigação da Comissão Europeia também proporcionou excelentes informações.

Temos uma dívida de gratidão para com um grupo que de forma voluntária traduziu o questionário do inquérito em 23 línguas e que aqui se referem: Amal Mowafy para árabe, Owusu Fordjour Aidoo para akan/twi, Eesha Moitra para bengali, Lena Xinyu Yan para chinês, Ma Lourdes M. Rivera para filipino, Drew Gardiner para francês, Jonas Bausch para alemão, Retyil Gabriel Pofi para haúça, Mohammed Danish para hindi, Tendy Gunawan para indonésio, Giovanni Matozzi para italiano, Peter Loewi para japonês, Jongwoo Lim para coreano, Ewa Staworzynska para polaco, Rute Mendes para português, Larisa Panait para romeno, Julia Surina para russo, Madhu Fernando para cingalês, Susana Puerto Gonzalez para espanhol, Sam Njore para suaíli, Jittima Srisuknam para tailandês, Sebahat Derin Atiskan para turco e Ngoc Anh para vietnamita.

O apoio à análise dos dados foi prestado pela empresa de dados *Knowledge Sharing Network* (KSNET), através do apoio financeiro do Grão-Ducado do Luxemburgo. O Ministério do Trabalho e Economia Social do Governo de Espanha prestou apoio financeiro à Iniciativa Mundial sobre Empregos Dignos para os Jovens. Rosette Opiyo prestou assistência administrativa.

RESUMO EXECUTIVO

A pandemia da COVID-19 perturbou todos os aspetos das nossas vidas. Já antes do início da crise, a integração social e económica dos jovens constituía um desafio permanente. Agora, a menos que sejam tomadas medidas urgentes, os jovens estão sujeitos a sofrer impactos graves e duradouros da pandemia.

Este estudo apresenta as conclusões do Inquérito Mundial sobre os Jovens e a COVID-19, conduzido por parceiros da Iniciativa Mundial sobre Empregos Dignos para os Jovens¹ entre abril e maio de 2020. Este foi o momento em que a pandemia da COVID-19 se traduziu rapidamente numa crise económica. O Inquérito Mundial teve por objetivo identificar os efeitos imediatos da pandemia na vida dos jovens (entre os 18 e os 29 anos) no que diz respeito ao emprego, à educação, ao bem-estar mental, aos direitos e ao ativismo social. Foram recebidas mais de 12 000 respostas de 112 países, sendo que uma grande proporção destas respostas foi proveniente de jovens instruídos e com acesso à Internet. A população inquirida é representativa dos estudantes e dos jovens trabalhadores com formação superior, que representam cerca de um quarto dos jovens dos países da amostra.

O estudo conclui que o impacto da pandemia neste grupo é sistemático, profundo e desproporcionado. Tem sido particularmente difícil para as mulheres jovens, para os jovens mais novos e para os jovens dos países com rendimento baixo. Os jovens estão preocupados com o futuro e com o seu lugar na sociedade. Este estudo é a sua história.

Dos jovens que estavam a estudar ou que conciliavam os estudos com o trabalho antes do início da crise, três quartos (73 por cento) viram as suas escolas encerradas, mas nem todos puderam fazer a transição para o ensino *online* e à distância. Com efeito, a COVID-19 deixou um em cada oito jovens (13 por cento) sem qualquer acesso a cursos, ensino ou formação, uma situação particularmente crítica entre os jovens dos países de rendimento mais baixo e que veio sublinhar os acentuados fossos digitais existentes entre as regiões. Ainda que as escolas e as instituições de formação tenham envidado os maiores esforços para dar continuidade aos estudos via *online*, 65 por cento indicou ter aprendido menos desde o início da pandemia, 51 por cento acreditava que os estudos se iriam atrasar e nove por cento temia que os estudos sofressem consequências e que poderia inclusivamente reprovar.

A pandemia está também a ter graves repercussões nos trabalhadores jovens, ao destruir os seus empregos e comprometer as suas perspetivas profissionais. Um em cada seis jovens (17 por cento) que estavam empregados antes do surto deixou de trabalhar por completo, sobretudo os trabalhadores mais jovens, entre os 18 e os 24 anos, e os que trabalhavam como empregados administrativos, nos serviços e vendas, bem como os operários, artífices e trabalhadores similares. As horas de trabalho entre os jovens empregados diminuíram quase

¹ Consultar www.decentjobsforyouth.org.

um quarto (ou seja, em média duas horas por dia) e dois em cada cinco jovens (42 por cento) indicaram uma redução nos seus rendimentos. Os jovens dos países com rendimento mais baixo são os mais expostos à redução dos horários de trabalho e à contração do rendimento que daí resulta. A profissão foi considerada como o principal fator determinante para o modo como a crise afetou os jovens de ambos os sexos de forma diferente, sendo que as mulheres indicaram maiores perdas de produtividade em comparação com os homens.

A abrupta interrupção dos estudos e do trabalho, agravada pela crise sanitária, deteriorou o seu bem-estar mental. O estudo conclui que 17 por cento dos jovens sofrem *provavelmente* de ansiedade e depressão. O bem-estar mental é mais reduzido nas mulheres e nos jovens com menos idade, entre os 18 e os 24 anos. Os jovens cujos estudos ou trabalho tinham sido interrompidos ou parado completamente tinham quase o dobro da probabilidade de serem *provavelmente* afetados pela ansiedade ou depressão do que os que continuaram a trabalhar ou cujos estudos continuaram conforme previsto. Tal evidencia as interligações que existem entre o bem-estar mental, o sucesso escolar e a integração no mercado de trabalho.

Ao mesmo tempo que reconheciam a importância das medidas de confinamento para salvaguardar as vidas humanas, os jovens indicaram que este facto teve um impacto indireto na sua liberdade de circulação. Além disso, um em cada três jovens (33 por cento) referiu um impacto significativo no seu direito de participar nos assuntos públicos, ao passo que mais de um quarto (27 por cento) sentiu dificuldades em exercer o seu direito à liberdade de religião ou crença. Cerca de um quarto (24 por cento) sentiu que as imprecisões em torno da pandemia tinham afetado o seu direito de acesso à informação. As necessidades básicas também constituíram um problema: para um quinto (21 por cento), sobretudo para quem estava em situação de desemprego, o seu direito à habitação estava a ser posto em causa, uma vez que se debatiam com dificuldades para conseguir subsistir.

Não obstante, os jovens continuaram decididos a reunir esforços e estabelecer parcerias seguras e eficazes com governos, parceiros sociais, sociedade civil e outras instituições para «reconstruir um mundo melhor». Mais de um em cada quatro jovens indicou estar ativamente empenhado em atividades de voluntariado (31 por cento) e em fazer doações para dar resposta à pandemia da COVID-19 (27 por cento). Além disso, os jovens apelaram aos governos para continuarem a aplicar medidas de confinamento, tais como trabalhar a partir de casa, sempre que possível. Os jovens querem que as restrições sejam gradualmente aliviadas, pois para eles a saúde e a segurança dos trabalhadores e cidadãos é primordial.

O estudo apresenta histórias e declarações cativantes de jovens de todo o mundo que incluem ideias inovadoras sobre a forma de responder à crise. No seu cerne, encontram-se os que correm um maior risco, *desde* os pobres, os trabalhadores migrantes e os trabalhadores informais *até* as pessoas idosas, os trabalhadores da saúde da linha da frente e os que ficaram recentemente em situação de desemprego. A voz, a energia e a resiliência dos jovens estão a moldar um planeta seguro, mais inclusivo e igual para todos nós.

Com a finalidade de apoiar e ampliar a voz e as ações dos jovens, este estudo defende a realização de investimentos urgentes, específicos e mais inteligentes nos empregos dignos para os jovens, nomeadamente na proteção dos direitos humanos dos jovens, programas de

garantia de emprego e de formação, proteção social e subsídios de desemprego para os jovens, maiores esforços para impulsionar a qualidade e a prestação de ensino *online* e à distância e uma maior complementaridade com os serviços de saúde mental, apoio psicossocial e atividades desportivas. Só trabalhando em sinergia, com e para os jovens, poderemos evitar que a crise da COVID-19 tenha não só um impacto negativo, mas também um impacto potencialmente duradouro nas suas vidas.

1. INTRODUÇÃO

A resposta dos governos de todo o mundo à propagação rápida e sem precedentes da COVID-19 traduziu-se numa recessão económica mundial. Os impactos nas pessoas, empregos e empresas serão provavelmente a longo prazo e atingirão duramente as populações mais vulneráveis, incluindo os jovens.

A história mostra que uma crise como a pandemia da COVID-19 pode ter consequências prolongadas e graves nas populações mais jovens,² que já estão a começar a ser designadas como a «geração do confinamento» (OIT, 2020a). Estudos recentes começam a sublinhar o desafio multidimensional que a pandemia representa para os jovens através das consequentes interrupções no ensino e formação, vulnerabilidades acrescidas entre os trabalhadores jovens e uma transição mais longa e árdua para o trabalho digno (OIT, 2020b). Impactos como estes acentuam as desigualdades e colocam o risco de reduzir o potencial produtivo de toda uma geração.

Num tempo de crise e de incerteza como o presente, a voz e a ação dos jovens podem ser facilmente negligenciadas. Reconhecendo o papel essencial que os jovens devem desempenhar na solução e recuperação da crise, a Iniciativa Mundial sobre Empregos Dignos para os Jovens procura chamar a atenção para as ações dos jovens e as suas opiniões sobre o combate à pandemia. Com este objetivo comum em mente, a Organização Internacional do Trabalho, o Grupo Principal das Nações Unidas para a Infância e a Juventude, a AIESEC, o Fórum Europeu da Juventude, o Fundo Fiduciário de Emergência da União Europeia para África e o Gabinete do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos uniram forças para realizar um inquérito *online* sobre os jovens e a COVID-19.

O Inquérito Mundial sobre os Jovens e a COVID-19 centrou-se em quatro áreas de impacto nos jovens, nomeadamente, emprego, ensino e formação, bem-estar mental, e direitos e voz. Explorou as ações dos jovens no que respeita ao ativismo social e os comportamentos na resposta à crise, bem como as suas perceções e experiência no âmbito das medidas políticas.

Numa altura em que o trabalho no terreno do inquérito foi interrompido ou adiado devido às medidas de confinamento, os dados e análises do inquérito apresentados no presente relatório fornecem informações essenciais sobre como a pandemia está a afetar a vida dos jovens. A natureza *online* do inquérito complementa assim os dados dos inquéritos ao emprego existentes, bem como os dados das abordagens mais inovadoras e rápidas que foram desenvolvidas para o planeamento a curto prazo e a rápida avaliação dos impactos.³

² Como consequência da crise financeira de 2008, por exemplo, a taxa mundial de desemprego jovem aumentou, não tendo ainda regressado aos níveis anteriores à crise.

³ Abordagens como as do atual modelo de ajustamento da OIT que fornece estimativas sobre o impacto ao *ILO Monitor: COVID-19 and the world of work*, disponível em: www.ilo.org/global/topics/coronavirus/lang-en/index.htm [7 de julho de 2020].

É importante, porém, salientar em primeiro lugar as limitações dos inquéritos *online* e compreender quem são os jovens inquiridos. A entrega *online* do inquérito, juntamente com a estratégia de amostragem por bola de neve e *opt-in* utilizada, limita a representatividade da população inquirida e recomenda prudência na interpretação dos resultados do inquérito. A população inquirida, em particular, é representativa dos jovens trabalhadores com formação superior e dos estudantes que, em conjunto, representam cerca de um quarto da população jovem nos países da amostra (caixa 1). Assim, o inquérito mede os impactos da COVID-19 nos jovens de ambos os sexos que seguiram os estudos e nos jovens que têm a possibilidade de participar em inquéritos *online*. Os resultados mostram que, neste grupo, os impactos da COVID-19 variam consideravelmente entre homens e mulheres, faixas etárias e grupos de rendimento dos países.

No que respeita ao grupo sub-representado na amostra, sobretudo jovens de países de baixo rendimento e jovens que completaram, no máximo, o ensino secundário e que já não estudam, os impactos da COVID-19 são suscetíveis de ser diferentes e mais graves, uma vez que estes grupos já se encontravam numa situação mais vulnerável mesmo antes do surto da pandemia. Tal vem reforçar ainda mais a necessidade de uma ação decisiva e urgente para promover empregos dignos para os jovens.

Caixa 1 Amostragem, representatividade e metodologia do inquérito - Um enfoque nas pessoas jovens de ambos os sexos com formação escolar

O inquérito *online*, disponível em 23 línguas, foi realizado entre 21 de abril e 21 de maio de 2020, tendo participado 12 605 jovens com idades entre os 18-34 anos. Para efeitos do presente relatório, «jovens» refere-se às pessoas que se encontram na faixa etária dos 18-29 anos, sendo a faixa etária dos 30-34 anos utilizada como população de comparação. Os participantes no inquérito foram recrutados a nível mundial através de amostragem por bola de neve *online* (não probabilística). A população inquirida era composta por jovens de 112 países de todas as regiões da OIT e grupos de rendimento dos países. A população jovem total (15-29 anos) destes países ascende a 1,47 mil milhões, isto é, cerca de 92 por cento da população jovem mundial.⁴

A amostra representa sobretudo trabalhadores jovens com formação superior e estudantes. Entre os trabalhadores jovens que não estão a estudar, 89 por cento tinham concluído o ensino superior. No total, cerca de dois terços (65,8 por cento) da amostra de jovens (18-29 anos) indicaram que estudaram pelo menos até ao 1.º ciclo do ensino superior (por exemplo, uma licenciatura). Do terço restante de jovens (18-29 anos) que tinham concluído, no máximo, o ensino secundário, 81 por cento continuavam a estudar.

Globalmente, os jovens da amostra do inquérito têm três vezes mais probabilidades de ter concluído o ensino superior em comparação com a população jovem em geral da mesma classe etária. Esta discrepância é mais elevada nos países de rendimento médio baixo, tanto porque

⁴ Utilizando dados sobre a população em idade ativa para a faixa etária entre os 15-29 anos para um total de 185 países, incluindo os 112 países representados no inquérito. Dados: ILOSTAT.

nestes países o nível médio de escolaridade é mais baixo, como porque o inquérito *online* parece ter chegado a e ter sido realizado por uma subamostra mais instruída da população em geral.

Ao calcular os resultados, foram utilizadas ponderações para melhorar a representatividade da amostra e para corrigir um enviesamento de não resposta entre mulheres e homens, bem como para os enviesamentos populacionais. Nos dados brutos, as mulheres representam 64 por cento da amostra (e 53,5 por cento da amostra ponderada). Além disso, o número de inquiridos por país varia consideravelmente. As ponderações são calculadas com base nos dados do *ILOSTAT* sobre a população em idade ativa. Reconhecendo que o inquérito representa indivíduos com níveis de escolaridade mais elevados, foram utilizadas ponderações populacionais para os indivíduos com níveis de ensino superiores à licenciatura. A metodologia de ponderação corrige as diferenças nas percentagens de mulheres e homens entre a amostra do inquérito e as populações reais e os resultados das ponderações a nível das regiões geográficas e grupos de rendimento para corrigir os enviesamentos populacionais.

Os resultados da análise, bem como a relevância global das principais conclusões, é robusta face a uma variedade de diferentes verificações de sensibilidade. Isto inclui a testagem de diferentes metodologias de ponderação e o recálculo dos resultados, excluindo as observações de um país de cada vez, a fim de verificar se os resultados estão a ser conduzidos pelas observações de um determinado país. Tal sugere um grau de validade significativo relativamente aos resultados dos grupos de jovens compilados através do inquérito, nomeadamente, trabalhadores jovens licenciados e estudantes.

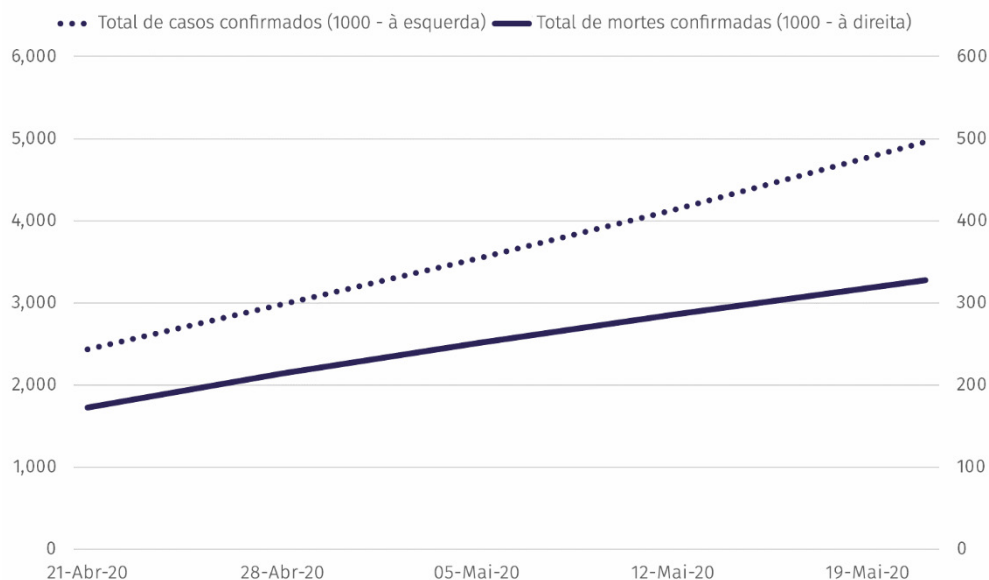
O anexo técnico fornece mais informações sobre o conjunto de dados, a metodologia de ponderação, os testes de representatividade e de robustez.

O inquérito foi realizado via *online* em 23 línguas entre 21 de abril e 21 de maio de 2020. Teve início numa altura em que as infeções por COVID-19 se tinham propagado por todo o mundo a uma escala significativa.⁵ Quando o inquérito foi lançado, havia 2,43 milhões de casos confirmados de COVID-19 em todo o mundo e 172 814 mortes atribuídas à pandemia. No final do inquérito, em 21 de maio, estes números tinham aumentado para 4,96 milhões de casos confirmados de COVID-19 e 327 957 mortes atribuídas a esta pandemia, representando um aumento superior ao dobro dos casos num período de quatro semanas (figura 1). Embora os impactos da pandemia da COVID-19 observados a curto prazo na saúde dos jovens pareçam ser menos graves do que nas gerações mais velhas (Ferguson *et al.*, 2020),⁶ não estão, contudo, protegidos dos impactos económicos, sociais e culturais que a pandemia teve e continua a ter em todos os setores e sociedades.

⁵ A Organização Mundial da Saúde declarou o surto da doença COVID-19 como pandemia no dia 11 de março de 2020.

⁶ Ferguson *et al.* (2020) mostraram que a taxa de mortalidade por infeção de COVID-19 na faixa etária dos 20-29 anos é de cerca de 0,03 por cento, aumentando para 0,08 por cento e 0,15 por cento, respetivamente, na faixa etária dos 30-39 e 40-49 anos.

Figura 1 Total de casos confirmados e de mortes por COVID-19 a nível mundial durante o período do inquérito



Fonte dos dados: Centro Europeu de Prevenção e Controlo das Doenças (ECDC), *Our World in Data*.

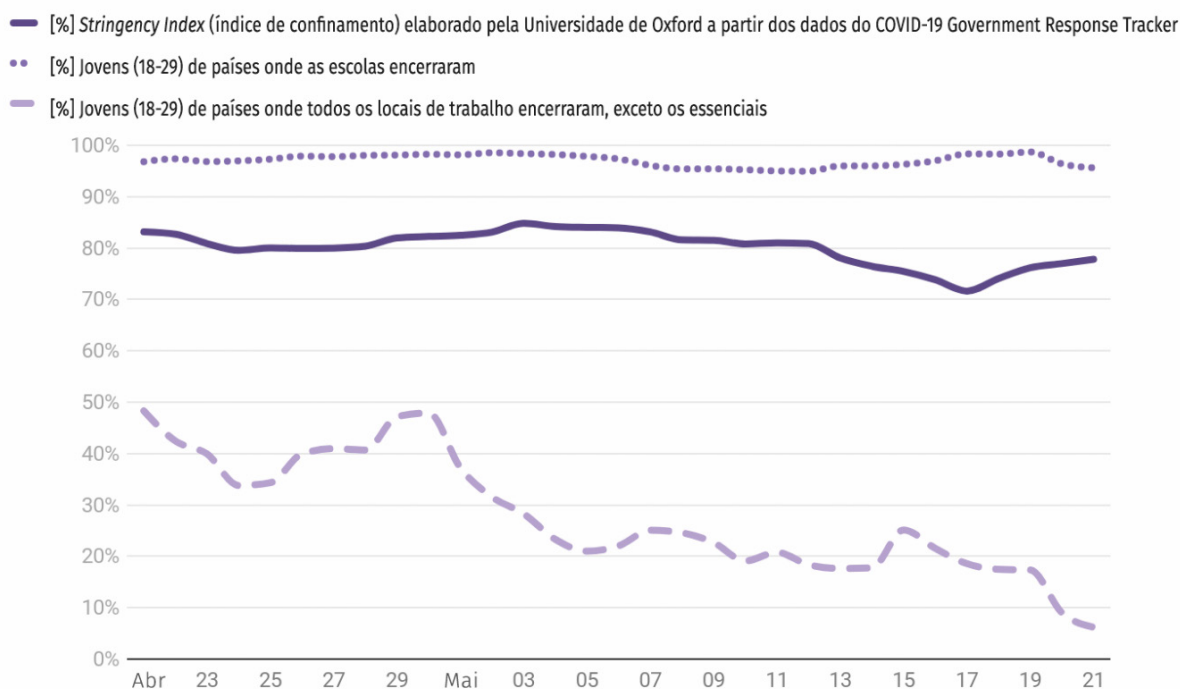
Durante o período do inquérito, alguns governos introduziram medidas políticas rigorosas concebidas para retardar a propagação da pandemia da COVID-19. A Figura 2 apresenta o *Stringency Index* (índice de confinamento) elaborado pela Universidade de Oxford a partir dos dados do COVID-19 *Government Response Tracker* durante o período de inquérito dos países representados no inquérito.⁷ Quase todos os inquiridos viviam em regiões onde o encerramento das escolas era obrigatório para uma parte ou para todo o país. Cerca de metade dos inquiridos (48,3 por cento) que participaram no início do período de inquérito viviam em países onde foi exigido o encerramento de todos os locais de trabalho, com exceção dos essenciais, em comparação com apenas cerca de 10 por cento que participaram no período final do inquérito. No total, no momento da participação no inquérito, um quarto (25,5 por cento) da amostra vivia em países onde todos os locais de trabalho, com exceção dos essenciais, foram obrigados a encerrar, e mais dois terços dos jovens da amostra (68 por cento) viviam em países onde os locais de trabalho de determinados setores e categorias de trabalhadores foram encerrados.⁸

⁷ O *Stringency Index* (índice de confinamento) é uma medida composta por nove domínios de ação diferentes que compreendem: encerramento das escolas, encerramento dos locais de trabalho, cancelamento de eventos públicos, restrições a reuniões, paragem dos transportes públicos, obrigação de ficar em casa, restrições em viagens nacionais e internacionais, bem como campanhas de informação ao público.

⁸ As tendências identificadas na amostra do inquérito refletem muito de perto as tendências de todos os países do mundo, à medida que os governos flexibilizaram as medidas de encerramento no que se refere aos postos de trabalho em maio de 2020, tal como referido na quarta edição do *ILO Monitor: COVID-19 and the world of work*, disponível em: https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---dcomm/documents/briefingnote/wcms_745963.pdf

Num contexto tão dinâmico e sem precedentes, deve ser defendido o direito de os jovens participarem. As percepções, ações e aspirações dos jovens são cruciais para identificar fontes de vulnerabilidade e como base de informação para as ações políticas. Dar aos jovens uma voz na tomada de decisões para articular as suas necessidades e ideias não só melhora a eficácia das políticas e programas, como também dá aos jovens a oportunidade de participar na sua concretização.

Figura 2 Medidas de confinamento impostas pelos governos durante o período de inquérito



Nota: O gráfico apresenta os resultados fornecidos pelo COVID-19 *Government Response Tracker* da Universidade de Oxford para a duração do período de inquérito (21 de abril de 2020 a 21 de maio de 2020). É calculada, para cada dia (cinco dias consecutivos), a média de todos os inquiridos com base na pontuação dos países de residência dos inquiridos. As médias são estimadas através de um modelo de efeitos fixos, que inclui variáveis mudas, para cada combinação de país e sexo para minimizar os efeitos da composição da amostra ao identificar tendências temporais. As ponderações dos inquéritos são utilizadas como descrito na Caixa 1. Fonte dos dados: Oxford COVID-19 *Government Response Tracker*.

O relatório está organizado em nove secções. A secção seguinte, secção 2, descreve a amostra do inquérito. As secções 3 a 6 apresentam os impactos e percepções observadas nos resultados relacionados com o emprego, ensino e formação, bem-estar mental e direitos. A secção 7 analisa a reação dos jovens à crise através do seu ativismo social e comportamentos, ao passo que a secção 8 se centra nas suas ideias sobre a melhor forma de enfrentar a crise e nas opiniões sobre a resposta dos governos, particularmente as medidas relacionadas com o mercado de trabalho. Por fim, a secção 9 termina com as principais conclusões e propõe recomendações políticas concretas.

2. DESCRIÇÃO DA AMOSTRA E MÉTODOS

A análise é baseada em 12 605 respostas recebidas de pessoas com idades entre os 18-34 anos.⁹ Para efeitos do presente relatório, «jovens» refere-se à faixa etária dos 18-29 anos, sendo que a faixa etária dos 30-34 anos é utilizada como população de referência. As respostas são ponderadas por idade, sexo e população jovem do país, visando aumentar a representatividade dos resultados obtidos. Assim, a amostra ponderada é representativa de mulheres e homens instruídos. As mulheres representam 53,5 por cento dos resultados ponderados.¹⁰ A amostra tem uma representação ligeiramente superior dos mais jovens (dois terços dos jovens entre os 18-29 anos tinham menos de 25 anos). Um em cada cinco jovens inquiridos (20,2 por cento) identificou-se como fazendo parte de uma minoria e 6,8 por cento identificaram-se como lésbica, homossexual, bissexual, transexual ou intersexual. Aproximadamente um em cada sete inquiridos (14, 8 por cento) com idades entre 18-29 anos eram casados(as) ou viviam com um(a) parceiro(a), em comparação com 53 por cento dos que tinham entre 30-34 anos. Apenas 6 por cento dos jovens tinham pelo menos um filho, contra 33 por cento dos que tinham entre 30 e 34 anos (quadro 1).

A amostra compreende sobretudo trabalhadores jovens com formação superior e estudantes. Cerca de dois terços (65,8 por cento) da amostra indicaram que já tinham concluído pelo menos o 1.º ciclo do ensino superior (por exemplo, uma licenciatura), e 28,5 por cento indicaram que tinham concluído o ensino secundário. Uma pequena minoria tinha concluído apenas o ensino primário (4,8 por cento) ou não tinha qualquer nível de ensino formal (0,9 por cento). O desempenho educacional comparativamente elevado dos inquiridos é apresentado na figura 3. A maioria dos inquiridos esteve matriculada no ensino até aos 23 anos de idade. Além disso, a percentagem de inquiridos que tinham concluído o ensino secundário, no máximo, diminuiu rapidamente com a idade, de 84 por cento aos 18 anos de idade para 14 por cento aos 29 anos. Disto, pode-se deduzir que a maioria dos estudantes que participaram no inquérito frequentavam o ensino superior.

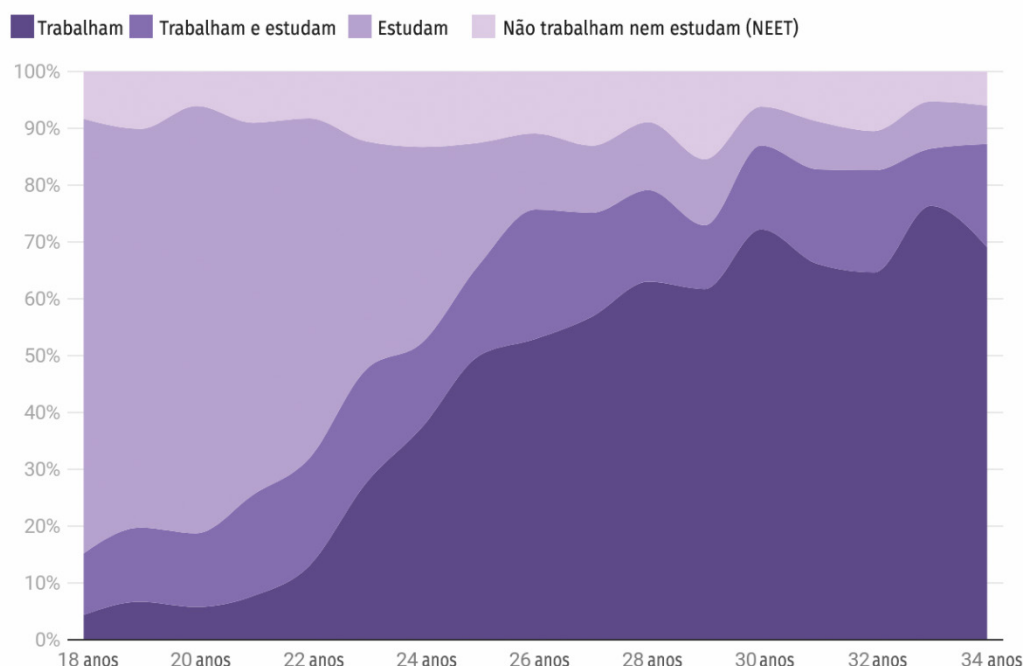
À medida que a idade dos inquiridos avança, a percentagem de transição do ensino para a vida ativa aumenta rapidamente. No total, 45,2 por cento dos jovens inquiridos (18-29 anos) estavam a estudar e 15,9 por cento adicionais conciliavam os estudos com o trabalho. Menos de um terço (28,5 por cento) declarou o trabalho como a sua atividade principal, enquanto 10,4 por cento dos inquiridos não estudavam, não trabalhavam nem frequentavam formação (NEET). As percentagens de jovens inquiridos que estudavam em comparação com os que trabalhavam diminuiu rapidamente com a idade (figura 3). Apenas 15 por cento dos jovens trabalhavam aos 18 anos, em comparação com 73 por cento aos 29 anos e 85 por cento na faixa

⁹ Também responderam ao inquérito 2 141 pessoas com 30-39 anos. As comparações entre as faixas etárias são apresentadas em secções selecionadas.

¹⁰ As ponderações são baseadas em dados populacionais de jovens com um nível de ensino superior à licenciatura. Entre os 112 países representados no inquérito, as mulheres obtêm com mais frequência um nível de ensino superior à licenciatura, o que explica o facto de estas representarem um pouco mais de metade das observações (53,5 por cento) na amostra ponderada.

etária mais elevada, dos 30-34 anos. Este padrão inverte-se no que se refere aos estudantes: 87 por cento dos jovens de 18 anos estudavam, mas na faixa etária dos 30-34 anos esse número diminui para 23 por cento. A percentagem de jovens que não trabalham nem estudam varia ligeiramente consoante as faixas etárias: 10 por cento entre os jovens inquiridos (18-24 anos), 12 por cento entre os jovens com idade mais elevada (25-29) e 7 por cento entre os que têm 30-34 anos.¹¹

Figura 3 Situação das pessoas inquiridas no mercado de trabalho, por idade



Nota: O gráfico apresenta a distribuição das pessoas inquiridas por idade com base nas respostas à pergunta «Qual das seguintes respostas descreve melhor a sua situação atual?». N: 12 605.

A amostra do inquérito representa, em grau variável, jovens de todas as regiões, predominantemente de países de rendimento médio e elevado e de zonas urbanas ou suburbanas. A Ásia e Pacífico é a região com a maior percentagem de jovens na amostra (54,1 por cento), seguida pela Europa e Ásia Central (19,4 por cento), Américas (18,4 por cento), África (6,9 por cento) e uma pequena representação dos Estados Árabes (1,3 por cento).¹² Quase três quartos (73,8 por cento) dos jovens inquiridos vivem em países de rendimento médio¹³ e um

¹¹ Note-se que as diferenças entre homens e mulheres na situação no mercado de trabalho são pequenas. Relativamente à faixa etária mais jovem (18-24 anos), 28 por cento das mulheres trabalham, contra 32 por cento dos homens, ao passo que 77 por cento das mulheres estudam em comparação com 75 por cento dos homens. Estas diferenças tornam-se negligenciáveis entre os jovens mais velhos (25-29 anos), em que 72 por cento das mulheres trabalham em comparação com 74 por cento dos homens, e 32 por cento das mulheres e 32 por cento dos homens estudam.

¹² Como apenas foram recebidas 141 respostas de jovens que vivem em países dos Estados Árabes, os resultados para esta região em particular devem ser tratados com prudência.

¹³ Rendimento médio baixo: 36,6 por cento; rendimento médio alto: 37,2 por cento.

quarto (24,8 por cento) em países de rendimento elevado. Apenas 1,3 por cento dos inquiridos são provenientes de países de baixo rendimento, o que sugere que os resultados e as comparações com este grupo de países devem ser tratados com prudência. Dentro dos países, 59,2 por cento dos inquiridos eram oriundos de zonas urbanas, 21,8 por cento de zonas suburbanas e 19,1 por cento de zonas rurais.

Quadro 1 Características da amostra

Categoria		Faixa etária, 18-29 anos		Faixa etária, 30-34 anos	
		n.º	%	n.º	%
Situação no mercado de trabalho	Trabalham	3170	28,5	1027	69,6
	Estudam	5028	45,2	109	7,4
	Estudam e trabalham	1775	15,9	230	15,6
	Não trabalham nem estudam (NEET)	1157	10,4	109	7,4
Sexo	Mulheres	5958	53,5	788	53,4
	Homens	5172	46,5	687	46,6
Grupo etário	18-24 anos	7354	66,1		
	25-29 anos	3776	33,9		
	30-34 anos			1475	100,0
Região	África	765	6,9	78	5,3
	Américas	2045	18,4	320	21,7
	Ásia e Pacífico	6018	54,1	733	49,7
	Estados Árabes	141	1,3	10	0,7
	Europa e Ásia Central	2161	19,4	334	22,6
Grupo de rendimento do país	Rendimento baixo	149	1,3	15	1,0
	Rendimento médio baixo	4076	36,6	381	25,8
	Rendimento médio alto	4141	37,2	620	42,0
	Rendimento elevado	2764	24,8	459	31,1
	Total	11 130	100,0	1475	100,0
Estado civil	Solteiros/as	5783	80,0	405	43,4
	Casados/as/Em união de facto	1068	14,8	493	52,7
	Preferem não responder	379	5,2	37	3,9

		Faixa etária, 18-29 anos		Faixa etária, 30-34 anos	
Categoria		n.º	%	n.º	%
Filhos	Não	6797	94,0	632	67,5
	Sim	433	6,0	303	32,5
Zona	Urbana	4277	59,2	614	65,6
	Suburbana	1574	21,8	217	23,2
	Rural	1379	19,1	104	11,2
Nível de escolaridade mais alto obtido	Nenhum	64	0,9	8	0,8
	Primário	348	4,8	12	1,2
	Secundário	2057	28,5	78	8,4
	Superior	4761	65,8	837	89,6
Identidade	Minoria	1461	20,2	172	18,4
	Pessoa refugiada e migrante	195	2,7	32	3,4
	Pessoa com deficiência	168	2,3	36	3,8
	LGBTI	491	6,8	46	4,9
Total		7230	100,0	935	100,0

3. EMPREGO

Já antes do surto da COVID-19, os jovens enfrentavam um mercado de trabalho difícil. Os jovens com 15-24 anos tinham cerca de três vezes mais probabilidades de estarem em situação de desemprego do que os de 25 ou mais anos (OIT, 2020c). É expectável que a crise da COVID-19 crie mais obstáculos para os jovens no mercado de trabalho: no que se refere aos candidatos a emprego, é provável que a falta de ofertas de trabalho conduza a transições mais longas da escola para a vida ativa e os trabalhadores jovens correm o risco de perder o emprego na atual vaga de despedimentos e de falência das empresas e das *start-ups* (OIT, 2020b). Antes do surto, 178 milhões de jovens de todo o mundo estavam a trabalhar nos setores mais atingidos pela crise, tais como alojamento e serviços de restauração, comércio por grosso e a retalho, indústria transformadora, imobiliário e outras atividades empresariais (OIT, 2020a).

É face a este cenário que a presente secção descreve os impactos que a crise está a ter nos empregos, rendimento e produtividade dos trabalhadores jovens no Inquérito Mundial sobre os Jovens e a COVID-19.

Deixaram de trabalhar desde o início da pandemia

Um em cada seis jovens entre os 18-29 anos (17,4 por cento) tinha deixado de trabalhar desde o início da crise - salientando o impacto considerável que a pandemia está a ter no emprego jovem em todo o mundo (figura 4). Os que deixaram de trabalhar incluem os jovens que já tinham perdido o emprego (6,9 por cento), bem como os que declararam estar empregados, mas que trabalharam zero horas desde o início da crise (10,5 por cento). Este último grupo pode incluir jovens com empregos por conta de outrem em situação de desemprego parcial, por exemplo, suspensos¹⁴ e jovens trabalhadores por conta própria ou trabalhadores familiares que tenham interrompido as atividades remuneradas. Ainda que as diferenças entre os jovens de ambos os sexos sejam pequenas, os países com todos os níveis de rendimento sofreram quedas no emprego jovem.

Os mais jovens, entre os 18-24 anos, tinham uma maior probabilidade de deixar de trabalhar. Quase um quarto (23,1 por cento) dos inquiridos com idades entre 18-24 anos que trabalhavam antes do surto da COVID-19 tinha deixado de trabalhar, em comparação com 13 por cento entre os jovens mais velhos (25-29 anos) e 10,6 por cento na faixa etária dos 30-34 anos (ver resultados comparáveis para o Reino Unido na caixa 2). Além disso, os jovens (de 18-29 anos) tinham mais probabilidades de perder o emprego do que os da faixa etária dos 30-34 anos. Uma análise mais aprofundada mostra que 40 por cento dos inquiridos com idades entre os 18-29 anos que tinham deixado de trabalhar deram como motivo a perda de emprego, em comparação com 29 por cento entre os inquiridos com 30-34 anos.

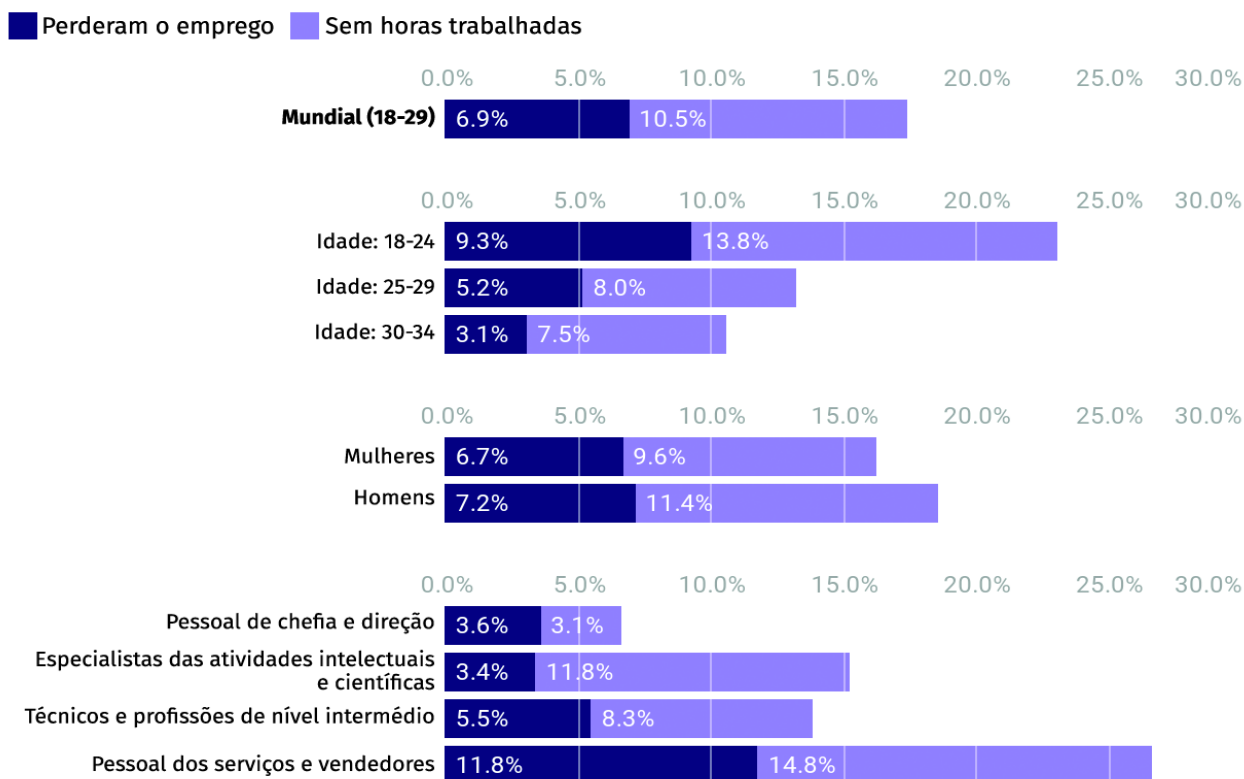
¹⁴ O inquérito incluiu uma pergunta geral sobre o tempo de trabalho, mas não recolheu informações adicionais sobre se as pessoas inquiridas estavam em licença. Além disso, dependendo dos regulamentos específicos de cada país, a licença não significa necessariamente uma redução das horas de trabalho para zero.

Caixa 2 : Conclusões comparáveis sobre o emprego jovem no Reino Unido

Um inquérito representativo a nível nacional de adultos do Reino Unido, realizado entre 6 e 11 de maio de 2020, concluiu que, globalmente, 18 por cento dos trabalhadores tinham deixado de trabalhar, tendo sido os grupos etários mais jovens os mais atingidos: tinham deixado de trabalhar desde o início da pandemia 33 por cento dos trabalhadores com 18-24 anos, 20 por cento com 25-29 anos e 19 por cento com 30-34 anos. O salário de um em cada três trabalhadores com 18-24 anos tinha sido reduzido.

Fonte: Gustafsson (2020).

Figura 4 Percentagem de pessoas inquiridas que declararam ter deixado de trabalhar após o início da pandemia



Nota: Os gráficos apresentam a percentagem de pessoas inquiridas que estavam a trabalhar antes do início da pandemia que i) declararam ter perdido o emprego desde o início do surto de coronavírus ou ii) declararam estar a trabalhar durante o surto, mas em regime de horário zero. A desagregação por sexo, bem como por profissão, inclui apenas as observações das pessoas com 18-29 anos. As profissões são baseadas na classificação CIP-08 «Pessoal de chefia e direção» correspondente ao Grande Grupo 1 da CIP-08, «Especialistas das atividades intelectuais e científicas» ao Grande Grupo 2 da CIP-08, «Técnicos e profissões de nível intermédio» ao Grande Grupo 3 da CIP-08 e «Pessoal dos serviços e vendedores» aos Grandes Grupos 5 a 9. N: 3615 (pessoas inquiridas com idades com 18-29 anos), dos quais há informações disponíveis sobre a profissão relativas a 2483. N: 1042 (pessoas inquiridas com 30-34 anos).

A maior parte das perdas de emprego resultou da cessação da atividade das empresas ou de despedimento. A maioria dos jovens inquiridos (54,0 por cento) que tinham perdido o emprego desde o início da pandemia, indicou como razão que a empresa onde trabalhavam tinha fechado ou que tinham sido despedidos. Um outro terço (32,4 por cento) indicou que tinham um emprego temporário que terminou, enquanto apenas uma pequena minoria se demitiu (8,4 por cento) ou indicou como razão para a perda de emprego «mudança de casa» (5,0 por cento).¹⁵

Os trabalhadores jovens que trabalhavam como empregados administrativos, em serviços e em vendas, bem como os operários, artífices e trabalhadores similares tinham uma maior probabilidade de terem deixado de trabalhar.¹⁶ Mais de um em cada quatro trabalhadores (27 por cento) destas profissões - que estão associadas a níveis mais baixos do ensino formal¹⁷ - tinha deixado de trabalhar, em comparação com apenas 7 por cento de trabalhadores em cargos de chefia e direção, 15 por cento de especialistas das atividades intelectuais e científicas e 14 por cento de técnicos e profissões de nível intermédio (ver figura 4). Os confinamentos e as medidas de distanciamento físico podem explicar a maior incidência de interrupções do trabalho dos trabalhadores com profissões onde as tarefas podem exigir o contacto frequente com os clientes (ou seja, as vendas) ou a realização de serviços subsidiários ou de apoio para os quais é essencial que a empresa se mantenha aberta.

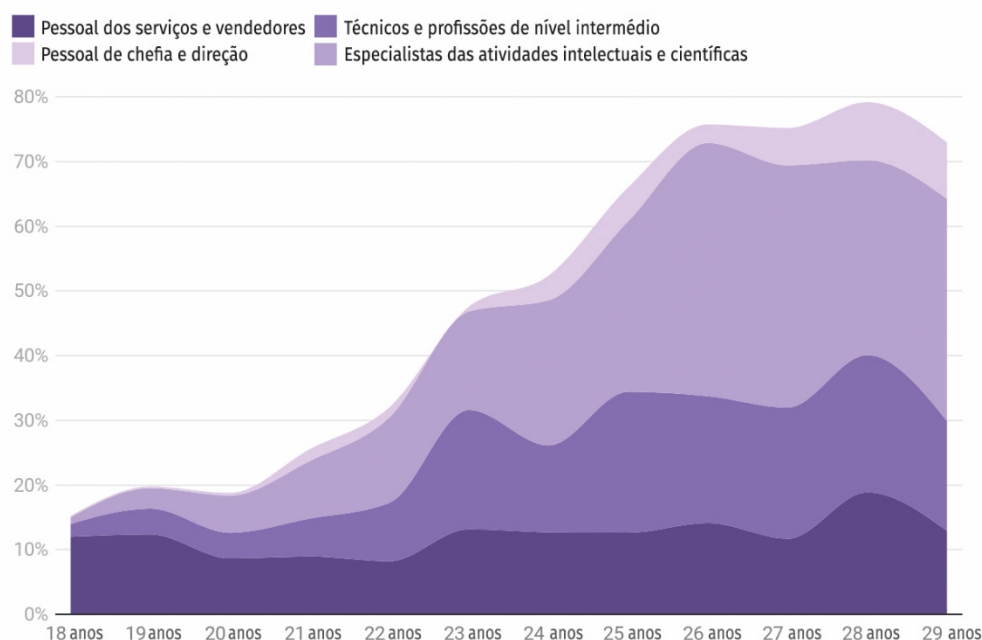
Além disso, os trabalhadores mais jovens têm uma maior probabilidade de estarem empregados em profissões altamente afetadas (figura 5). Antes dos 20 anos de idade, os trabalhadores jovens estão largamente representados nos serviços de apoio, na prestação de serviços e nas profissões relacionadas com vendas. À medida que a idade avança, os trabalhadores jovens, tendo concluído os seus estudos, assumem profissões na categoria Especialistas das atividades intelectuais e científicas e Técnicos e profissões de nível intermédio (CITP 2-3), alterando rapidamente, deste modo, a composição da mão-de-obra jovem. Assim, a mudança na composição profissional entre os trabalhadores jovens de acordo com a idade ajuda a explicar porque razão os mais jovens estão em maior risco.

¹⁵ Por todas estas razões, a perda de emprego pode plausivelmente resultar dos impactos socioeconómicos da crise da COVID-19 e a natureza do inquérito não permitiu (ou tentou) a atribuição exata da perda de emprego às consequências da pandemia.

¹⁶ Foi feita uma correspondência entre as profissões e os grandes grupos da Classificação Internacional Tipo das Profissões (CITP-08). O Grande Grupo 1 da CITP inclui «Pessoal de chefia e direção», o 2 «Especialistas das atividades intelectuais e científicas», o 3 «Técnicos e profissões de nível intermédio», o 4 «Empregados administrativos», o 5 «Pessoal dos serviços e vendedores», o 6 «Trabalhadores qualificados da agricultura, da silvicultura e da pesca», o 7 «Operários, artífices e trabalhadores similares», o 8 «Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem» e o 9 «Trabalhadores não qualificados/Profissões elementares». Esta desagregação por profissão não pode ser vista como uma análise setorial. Por exemplo, os prestadores de serviços (Grande Grupo 5 da CITP) não incluem todas as profissões que se podem encontrar em todos os setores relacionados com os serviços. Por exemplo, não incluem «Pessoal dos serviços pessoais» (guias-intérpretes, cozinheiros, cabeleireiros e serviços domésticos, etc.), «Trabalhadores de serviços de assistência pessoal» (auxiliares de cuidados de crianças, assistentes de cuidados de saúde, etc.) e «Pessoal dos serviços de proteção e segurança» (bombeiros, agentes da polícia, agentes de segurança, etc.).

¹⁷ A CITP-08 mapeia estes grandes grupos para quatro níveis distintos de competências que exigem um nível crescente de ensino formal. As profissões incluídas nos principais grupos 1-3 da CITP exigem geralmente ensino superior e 86 por cento das pessoas inquiridas com estas profissões tinham concluído um curso superior. As profissões dos grandes grupos 4-9 da CITP exigem sobretudo o ensino secundário ou pós-secundário, mas não o ensino superior e 44 por cento das pessoas inquiridas com estas profissões tinham concluído o ensino primário ou secundário (ao passo que 56 por cento tinham obtido um diploma do ensino superior).

Figura 5 Jovens trabalhadores (18-29 anos), por profissão e idade



Nota: O gráfico apresenta os grupos profissionais das pessoas inquiridas como uma percentagem de todos os jovens que participaram no inquérito. As respostas abertas às perguntas «Qual é a sua profissão?» e «Qual foi a sua profissão mais recente?» foram combinadas com os grandes grupos da Classificação Internacional Tipo das Profissões (CITP-08) com «Pessoal de chefia e direção», correspondente ao Grande Grupo 1, «Especialistas das atividades intelectuais e científicas» ao Grande Grupo 2, «Técnicos e profissões de nível intermédio» ao Grande Grupo 3 e «Pessoal dos serviços e vendedores» aos Grandes Grupos 5 a 9. N: 3615.

Impactos no tempo de trabalho, rendimentos e produtividade

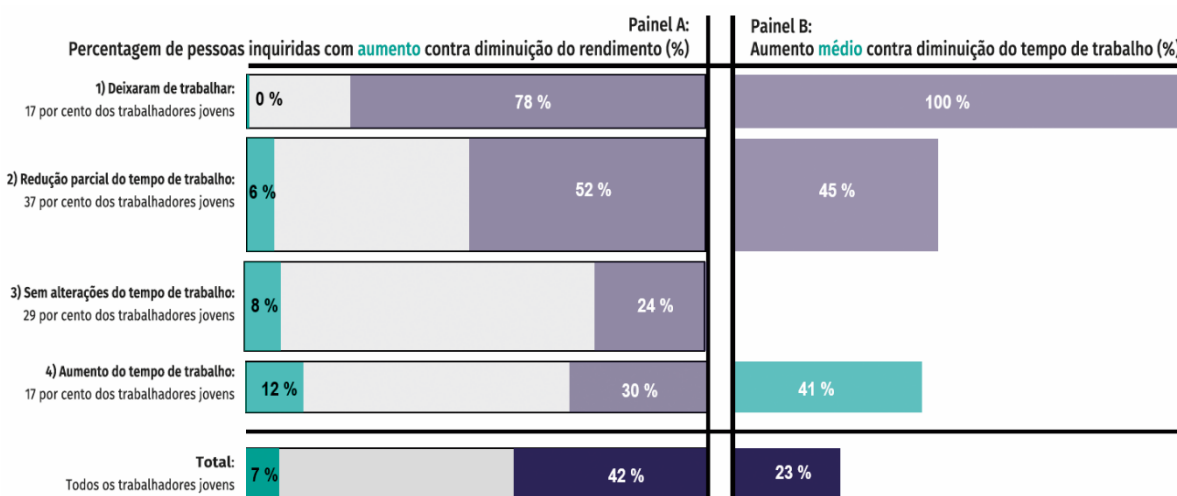
Os trabalhadores jovens que tinham um emprego antes do início da pandemia declararam, em média, uma redução de 23 por cento das horas de trabalho, o que para dois em cada cinco (42 por cento) significou um rendimento mais baixo (figura 6). As perdas de rendimento concentram-se entre os jovens que verificaram uma diminuição parcial ou total das horas de trabalho para zero. Quatro em cada cinco (78 por cento) dos jovens que declararam uma diminuição total também sentiram uma diminuição dos seus rendimentos (grupo 1, figura 6).¹⁸ A maioria (52 por cento) dos trabalhadores jovens que sentiram uma diminuição parcial das suas horas de trabalho (em média, um corte de 45 por cento, de 8,4 para 4,6 horas de trabalho diário)¹⁹ também declarou uma queda nos rendimentos. Para pouco menos de um terço dos jovens (29 por cento, grupo 3, figura 6), as horas de trabalho permaneceram inalteradas.

¹⁸ Foi perguntado «que mudanças verificou no seu rendimento desde o início do surto de coronavírus?» Assim, os rendimentos incluem todos os tipos de rendimento (rendimentos salariais e não salariais).

¹⁹ Os 45 por cento são calculados dividindo o total de horas trabalhadas por todos os que declararam uma redução parcial das horas de trabalho (pelo menos -1 hora trabalhada por dia durante o surto da COVID-19) pelo total de horas de trabalho deste grupo antes da pandemia.

Contudo, um quarto declarou que os seus rendimentos eram mais baixos do que antes do início da pandemia. Devido à grande diminuição nas receitas, algumas empresas podem ter sido levadas a reduzir a remuneração para o mesmo número de horas de trabalho.

Figura 6 Percentagem de jovens (18-29 anos) que declararam uma alteração no rendimento (painel A) e uma mudança global nas horas de trabalho (painel B) desde o início da pandemia



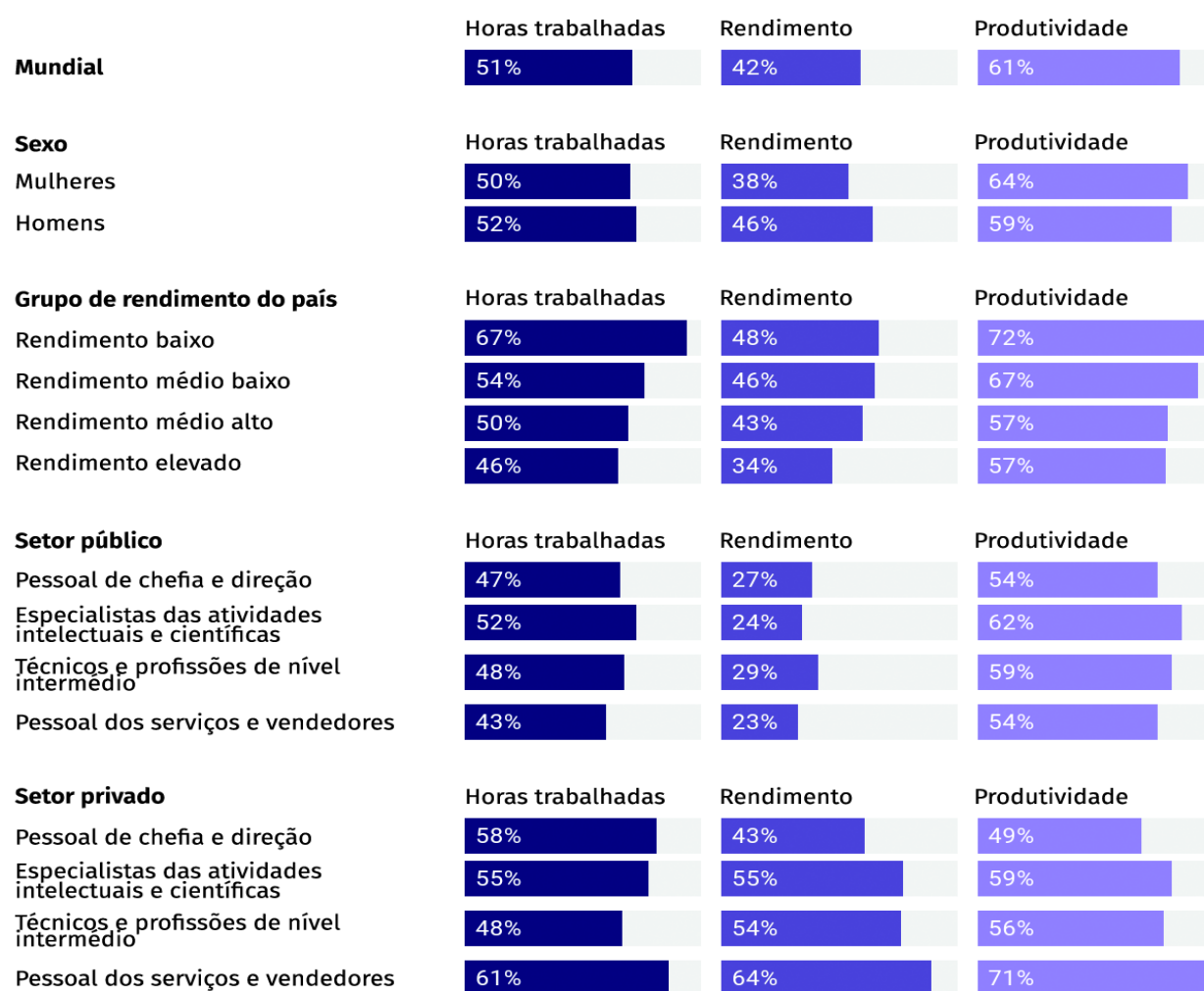
Nota: Esta figura distingue grupos de trabalhadores jovens que 1) deixaram de trabalhar ou sofreram 2) uma redução parcial do tempo de trabalho, 3) nenhuma mudança do tempo de trabalho, ou 4) um aumento do tempo de trabalho. A altura da barra de cada um dos grupos corresponde à respetiva percentagem entre todos os trabalhadores jovens. O painel A apresenta a percentagem de inquiridos que declararam aumento ou diminuição dos rendimentos. O painel B apresenta a redução média do tempo de trabalho de cada um dos grupos. N: 3400 (Painel A), N: 3615 (Painel B).

As perdas de horas de trabalho, de rendimento e de produtividade autoavaliada expõem os jovens - muitos destes em transição da escola para a vida ativa - a riscos do mercado de trabalho numa escala sem precedentes. Três em cada cinco (61 por cento) dos trabalhadores jovens comunicaram uma diminuição da produtividade autoavaliada relacionada com o trabalho desde o início da pandemia. Esta redução na produtividade foi mais prevalente entre as mulheres (64 por cento) do que entre os homens (59 por cento). Os trabalhadores jovens ainda a estudar e que enfrentam reduções no rendimento podem não conseguir completar os estudos, ao passo que os que trabalham menos podem ter dificuldades em compensar a experiência profissional e os rendimentos que perderam.

Os trabalhadores jovens empregados no setor privado em serviços de apoio e em profissões relacionadas com vendas apresentam-se como os mais vulneráveis (figura 7). Três em cada cinco trabalhadores jovens do setor privado (61 por cento) nestas profissões declararam uma redução do tempo de trabalho, em comparação com cerca de dois em cada cinco trabalhadores do setor público (43 por cento). O que mais chama a atenção, 64 por cento dos jovens que trabalham para um empregador do setor privado declararam uma redução nos

rendimentos, em comparação com 23 por cento dos que trabalham no setor público.²⁰ Estes impactos diferenciais relativos aos trabalhadores do setor privado podem estar novamente ligados a encerramentos de empresas ou a encerramentos temporários.

Figura 7 Percentagem de jovens (18-29 anos) que declararam reduções no tempo de trabalho, no rendimento e na produtividade (autoavaliadas) em comparação com os níveis pré-COVID-19



Nota: A figura apresenta a percentagem de jovens que trabalharam menos horas diariamente durante o surto do que antes do surto (coluna 1, N: 3340), que sofreram uma diminuição dos rendimentos (coluna 2, N: 3400) e uma diminuição da sua produtividade autoavaliada relacionada com o trabalho (coluna 3, N: 3400). Estão disponíveis informações relativas às profissões (setor público e privado combinados) para 2364 inquiridos.

²⁰ O setor privado constitui uma combinação de estar empregado numa empresa (com fins lucrativos, 44 por cento) e autoemprego (11 por cento), enquanto o setor público constitui uma combinação de entidades governamentais (20 por cento), académicas (4 por cento) e todos os outros empregadores sem fins lucrativos (21 por cento).

As reduções do tempo de trabalho, nos rendimentos e na produtividade autoavaliada são mais elevadas nos países de baixo rendimento e de rendimento médio baixo. Dois em cada três (67 por cento) trabalhadores de países de baixo rendimento declararam uma diminuição parcial ou total do tempo de trabalho, em comparação com 54 por cento de países de rendimento médio baixo e 46 por cento de países de rendimento elevado (ver figura 7). Do mesmo modo, a proporção de trabalhadores jovens que declararam uma redução no rendimento e na produtividade foi mais elevada nos países de baixo rendimento e de rendimento médio. As diferenças nos impactos entre grupos de países podem apontar para uma prevalência do emprego formal combinado com sistemas flexíveis de seguro de desemprego e redes de segurança social.

Quadro 2: Diferenças entre homens e mulheres relativas às perspetivas de emprego

Situação no mercado de trabalho	Mulheres (%)	Homens (%)	Diferença (mulheres-homens) (%)	Percentagem da diferença justificada por fatores socioeconómicos e profissionais (%)*
Deixaram de trabalhar	16,5	18,6	-2,1	98
Redução do tempo de trabalho	20,9	25,7	-4,8	53
Percentagem de pessoas inquiridas que declararam uma redução no rendimento	38,3	46,1	-7,8	37
Percentagem de pessoas inquiridas que declararam uma redução na produtividade autoavaliada	63,6	58,5	5,1	9

*As diferenças entre homens e mulheres são modeladas através de regressões de mínimos quadrados ordinários (MQO) multivariadas que controlam os grupos etários, o tipo de empregador, a mudança de espaço de trabalho e os nove grandes grupos CITP-08.

As diferenças entre homens e mulheres no que respeita o impacto no emprego, na perda de rendimentos e na diminuição da produtividade autoavaliada são, em larga medida, impulsionadas pelas diferenças profissionais entre os jovens de ambos os sexos e por outros fatores socioeconómicos. As conclusões mostram que, entre os inquiridos, os homens foram mais afetados pela paragem do trabalho, reduções no tempo de trabalho e perdas de rendimento, enquanto as mulheres tinham uma maior probabilidade de declarar uma

produtividade autoavaliada mais reduzida.²¹ Ao comparar os jovens de ambos os sexos da mesma idade de acordo com o tipo de empregador (público ou privado) e o principal grupo profissional (CITP-08), as diferenças entre homens e mulheres diminuem em um terço (37 por cento) as reduções de rendimento declaradas, em metade (53 por cento) as reduções do tempo de trabalho e praticamente desaparecem (98 por cento) no que se refere às paragens de trabalho (quadro 2). Por outro lado, as diferenças entre os sexos na produtividade autoavaliada são apenas marginalmente impulsionadas por estes fatores (9 por cento). Tal pode apontar para a presença de fatores não relacionados com o trabalho, tais como o aumento do trabalho doméstico ou de cuidados, com um impacto desproporcional na produtividade autoavaliada das mulheres da amostra. O inquérito representa jovens de ambos os sexos com um nível de ensino superior à licenciatura. Dados emergentes de inquéritos ao emprego sugerem que as perspetivas globais das mulheres no que se refere ao mercado de trabalho foram fortemente afetadas pela crise (OIT, 2020b). Uma vez que as evidências das crises económicas passadas sugerem que as recessões têm frequentemente impactos diferenciais assinaláveis nos resultados no emprego para homens e mulheres (Rubery e Rafferty, 2013), é necessário um maior grau de detalhe para compreender os impactos no género da COVID-19.

O facto de trabalhadores jovens terem declarado um aumento do tempo de trabalho suscita preocupações sobre as horas extraordinárias e as dificuldades sentidas para se desligarem do trabalho durante a pandemia. Dezassete por cento de todos os trabalhadores jovens inquiridos referiram um aumento do tempo de trabalho de 7,3 para 10,3 horas por dia (41 por cento). Deste grupo, dois terços (67 por cento) declararam trabalhar 10 ou mais horas por dia. É possível que tal tenha sido para compensar as perdas de rendimento, uma vez que 30 por cento dos jovens também declararam ter tido uma diminuição do rendimento desde o início da pandemia.²² Em comparação com os jovens que sofreram uma redução do tempo de trabalho, havia uma maior probabilidade de os jovens cujo tempos de trabalho aumentou terem um nível de educação superior (86 por cento contra 80 por cento, respetivamente), de trabalharem para um empregador sem fins lucrativos (31 por cento contra 18 por cento, respetivamente) e uma menor probabilidade de trabalhar na prestação de serviços, vendas e nas profissões relacionadas com a prestação de apoio (15 por cento contra 28 por cento, respetivamente). É importante notar que, ainda que o inquérito não tenha feito qualquer distinção entre teletrabalho e trabalho em plataformas digitais ou outros modos de organização do trabalho, o aumento do tempo de trabalho declarado pode sugerir dificuldades em desligarem-se do trabalho.

Quase três quartos (72 por cento) dos trabalhadores jovens declararam trabalhar a tempo parcial ou a tempo completo a partir de casa desde o início da pandemia. É mais provável que os jovens que exercem funções de chefia e direção (82 por cento), especialistas das atividades

²¹ A produtividade autoavaliada é baseada na pergunta do inquérito: «Como classificaria a sua produtividade relacionada com o trabalho desde o início do surto?».

²² Os jovens que não declararam uma mudança no tempo de trabalho trabalharam em média 7,9 horas por dia, sendo que 13 por cento declararam trabalhar 10 ou mais horas por dia.

intelectuais e científicas (77 por cento) e profissões técnicas (78 por cento), trabalhem a tempo parcial ou a tempo inteiro a partir de casa do que os jovens que trabalham na prestação de serviços de apoio, vendas e profissões relacionadas, dos quais pouco mais de metade (54 por cento) tinha adotado esta prática. Trabalham menos jovens a partir de casa no setor privado (68 por cento) do que no setor público (77 por cento). A percentagem de jovens que trabalham a tempo parcial ou a tempo completo a partir de casa é mais elevada entre as mulheres (75 por cento) do que entre os homens (68 por cento).²³

Políticas do mercado de trabalho

Há uma maior probabilidade de as respostas dos governos destinadas a enfrentar os impactos da crise nos mercados de trabalho chegarem aos jovens que permaneceram nos empregos após o início da pandemia. Vinte e nove por cento dos jovens que tinham deixado de trabalhar beneficiaram de alguma forma das respostas dos governos à crise,²⁴ em comparação com os 43 por cento que permaneceram empregados e trabalharam pelo menos uma hora por dia (figura 8). Os trabalhadores jovens foram alvo de um número significativamente mais elevado de medidas de apoio aos trabalhadores (26 por cento) e de apoio às empresas (14 por cento) e de níveis semelhantes de apoio ao rendimento.²⁵ De facto, as medidas de apoio aos empregados e ao rendimento estavam muitas vezes condicionadas ao facto de se encontrarem empregados, por exemplo, através de um subsídio de cobertura/salário no caso de redução do tempo de trabalho. A percentagem mais elevada de cobertura social entre os trabalhadores jovens é uma indicação de que muitas destas medidas foram proporcionadas através de empresas e do mundo do trabalho, como previsto, a fim de evitar o *lay-off* ou a suspensão dos trabalhadores.

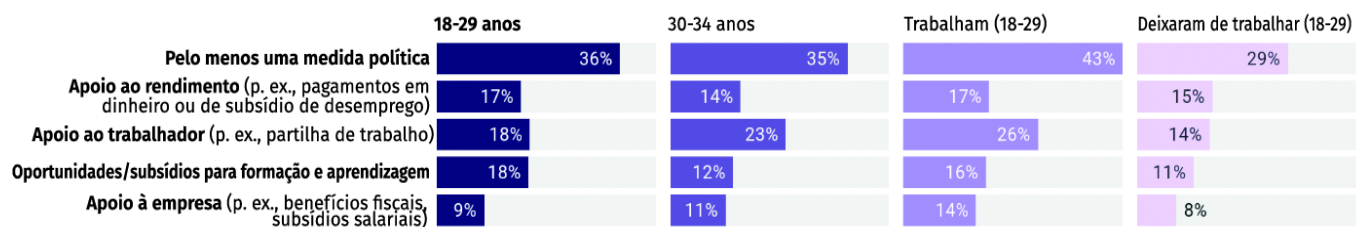
Os grupos etários mais jovens (18-29 anos) foram destinatários do mesmo número de medidas políticas, em geral, do grupo etário mais velho (30-34 anos). Dito isto, o grupo etário mais velho pode ser visto como tendo beneficiado mais consistentemente do apoio aos trabalhadores (23 por cento) e apoio às empresas (11 por cento), enquanto que o grupo etário mais jovem declarou ter recebido mais formação (18 por cento) e apoio ao rendimento (17 por cento).

²³ Uma análise mais aprofundada revela que 30 por cento da diferença entre homens e mulheres no trabalho a tempo completo ou parcial a partir de casa está relacionada com o facto de ser mais provável que os homens da amostra trabalhem no setor privado, onde o trabalho a partir de casa parece ser menos prevalente.

²⁴ O inquérito perguntou aos jovens se estavam atualmente a beneficiar ou a receber alguma das várias medidas tomadas pelo governo em resposta à pandemia. As categorias de perguntas foram separadas em quatro tipos de medidas: apoio ao rendimento, apoio às empresas, apoio aos empregados e apoio à formação/aprendizagem.

²⁵ O apoio ao rendimento pode abranger uma multiplicidade de medidas políticas, nomeadamente as prestações de desemprego (para as quais os jovens trabalhadores por definição não são elegíveis) e os inquiridos podem ter colocado o pagamento de subsídios salariais nesta categoria. Tal pode explicar o nível comparável de apoio ao rendimento declarado entre os trabalhadores e os que deixaram de trabalhar.

Figura 8 Percentagem de pessoas inquiridas beneficiárias de medidas políticas no âmbito do mercado de trabalho



Nota: O gráfico representa a percentagem de pessoas inquiridas beneficiárias da respetiva medida política. As categorias não se excluem mutuamente. N: 8683 (18-29 anos), 1145 (30-34 anos), 2668 (a trabalhar, 18-29 anos), 577 (deixaram de trabalhar, 18-29 anos).

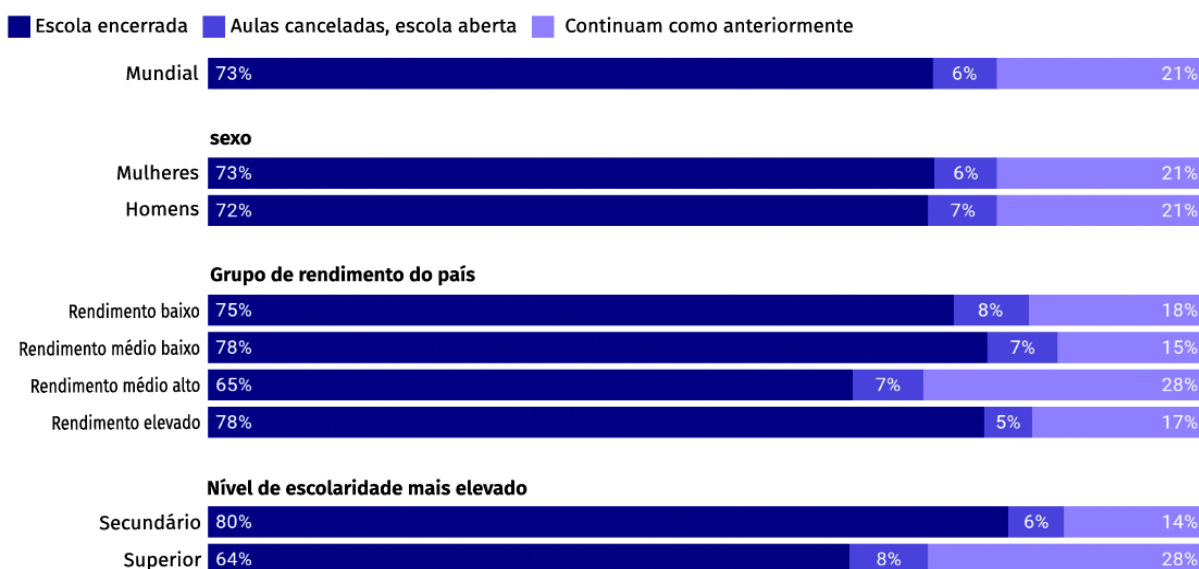
4. ENSINO E FORMAÇÃO

Três em cada cinco (61 por cento) jovens (18-29 anos) que completaram o inquérito estavam a estudar ou a receber formação, sendo que 15 por cento conciliavam os estudos com o trabalho.

Para estes, a pandemia pode ter graves repercussões devido à interrupção dos estudos ou formação, da diminuição dos resultados educativos e de aprendizagem e da perda de rendimentos. Os jovens estudantes arriscam-se a ser afastados dos sistemas de aprendizagem formais ou informais e podem, conseqüentemente, ter de enfrentar uma transição mais longa e mais árdua para a vida ativa e o trabalho digno.

O encerramento de escolas, universidades e centros de formação afetou mais de 73 por cento dos jovens inquiridos que se encontravam a estudar ou a receber formação. Como apresentado na figura 9, o efeito decorrente desta situação foi sentido ligeiramente mais pelos jovens que estavam apenas a estudar (74 por cento), em comparação com os que estavam a estudar e a trabalhar ao mesmo tempo (69 por cento). Era menos provável que os estudantes que já tinham concluído o ensino superior declarassem que o encerramento de escolas os tinha afetado (64 por cento) do que os estudantes que tinham concluído o ensino secundário (80 por cento). Tal poderia implicar que alguns estudantes com um nível de ensino mais elevado, incluindo os que conciliam os estudos com o trabalho, podem já estar (total ou parcialmente) a participar em programas de ensino à distância, tendo as infraestruturas mínimas necessárias para manter a continuidade dos estudos ou da formação durante os períodos de confinamento. Mais 6 por cento dos estudantes declararam que algumas das aulas tinham sido canceladas, mesmo quando as instalações da escola permaneciam abertas. No total, desde o início da pandemia, quatro em cada cinco jovens estudantes inquiridos (79 por cento) tinha interrompido os estudos ou formação.

Figura 9 Percentagem de jovens (18-29 anos) que declararam que os seus estudos ou formação tinham sido interrompidos desde o início da pandemia

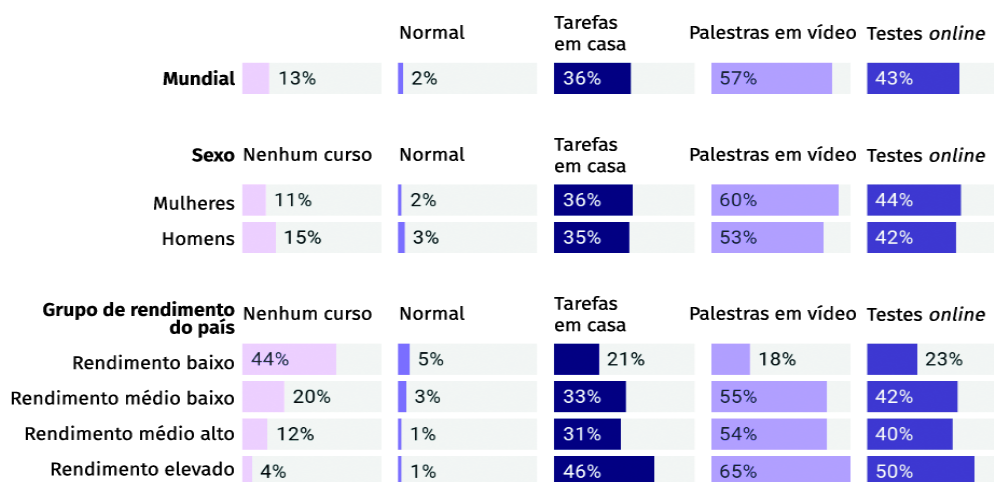


Nota: N: 6365, informações sobre o ensino disponíveis para 4901 pessoas inquiridas.

Os estudos e a formação de quase um em cada oito (13 por cento) jovens foram completamente interrompidos, não tendo tido aulas, cursos ou testes desde o início da pandemia (figura 10). Esta conclusão geral apresenta, porém, diferenças regionais consideráveis: 44 por cento dos estudantes jovens dos países de baixo rendimento, 20 por cento dos países de rendimento médio baixo e 4 por cento dos países de rendimento elevado declararam não ter realizado quaisquer cursos. Isto aponta para a redução das oportunidades de crescimento e desenvolvimento e um risco acrescido de abandono escolar, sobretudo nos países de rendimento mais baixo, onde alguns estudantes, particularmente as mulheres, podem não conseguir regressar à escola devido a uma contração do rendimento familiar e à necessidade de garantir um meio de subsistência.

A transição para o ensino online e à distância está mais generalizada entre os jovens dos países de rendimento elevado, o que realça os grandes «fossos digitais» entre as regiões. Em todo o mundo, as instituições de ensino e de formação fecharam as suas portas aos estudantes devido à pandemia e passaram a oferecer oportunidades de aprendizagem alternativas.²⁶ A figura 10 mostra que a maioria dos jovens adotou esses métodos de aprendizagem alternativos após o surto da COVID-19. Estes métodos incluíram vídeo-aulas ministradas por docentes e profissionais de formação (57 por cento), testes online (43 por cento) e tarefas para fazer em casa (36 por cento). Concretamente, 65 por cento dos jovens de países de rendimento elevado assistiram a vídeo-aulas, em comparação com 55 por cento dos jovens de países de rendimento médio e 18 por cento de países de baixo rendimento.

Figura 10 Percentagem de jovens (18-29 anos) a quem foram oferecidas oportunidades de aprendizagem alternativas



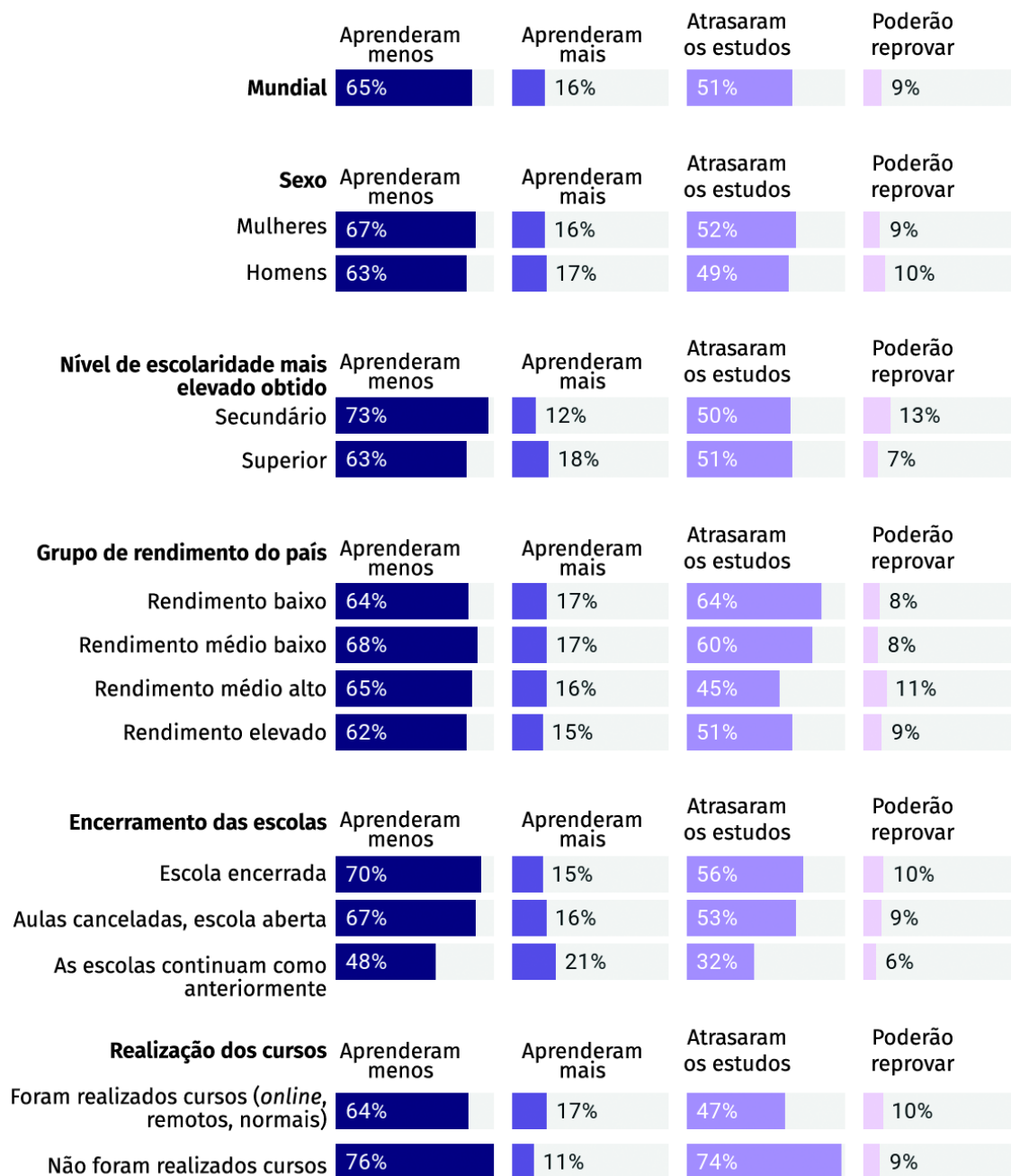
Nota: N: 6365.

²⁶ Os resultados preliminares do inquérito conjunto OIT-UNESCO-Banco Mundial a escolas técnicas e profissionais e a centros de formação mostram, por exemplo, que mais de dois terços das formações passaram a ser ministradas à distância e quase um em cada dois centros de formação passou a ministrar os cursos de formação em formato online.

Apesar dos esforços para assegurar a continuidade dos serviços em matéria de ensino e de formação, 65 por cento dos jovens declararam ter aprendido menos desde o início da pandemia (figura 11). Com apenas pequenas diferenças entre os níveis de rendimento dos países, 31 por cento dos jovens declararam ter aprendido significativamente menos e 35 por cento ligeiramente menos. A perceção das mulheres sobre a diminuição da aprendizagem foi mais marcada do que a dos homens (67 por cento contra 63 por cento, respetivamente). De igual modo, os jovens que apenas estudam sentiram um maior impacto na aprendizagem do que os que conciliam os estudos com o trabalho (66 por cento contra 62 por cento, respetivamente), tal como os que já tinham concluído o ensino secundário e estavam matriculados no 1.º ciclo de um curso superior ou num curso pós-secundário não superior, em comparação com os estudantes que já frequentavam o ensino superior (73 por cento contra 63 por cento, respetivamente). Os estudantes cujas escolas tinham sido encerradas comunicaram uma taxa mais elevada (70 por cento) de diminuição da aprendizagem, mas, mesmo entre a minoria de estudantes cujas escolas continuaram a funcionar, quase um em cada dois (48 por cento) declarou ter sentido um impacto na aprendizagem. Tal sublinha a interrupção generalizada da aprendizagem causada pela pandemia.

Estes resultados realçam os desafios envolvidos na deslocação da aprendizagem da sala de aula para dentro de casa. Mesmo quando, em certa medida, as instituições conseguiram fazer a transição para o modelo à distância, como apresentado na figura 9, docentes, profissionais de formação e estudantes podem não ter tido o equipamento adequado para assegurar a continuidade da aprendizagem. Os fatores que colocam entraves à eficácia da aprendizagem *online* podem incluir: i) acesso deficiente à Internet, ii) insuficientes competências digitais (e outras competências relevantes) para aprender e ensinar à distância, iii) falta de equipamento informático em casa, bem como outros constrangimentos, como iv) falta de espaço, v) falta de materiais disponíveis para o ensino à distância, e vi) ausência de trabalho de grupo e de contacto social, ambos componentes essenciais do processo de aprendizagem. Consequentemente, os estudantes que tinham tido acesso a alguma forma de ensino à distância declararam resultados de aprendizagem ligeiramente melhores do que os que não tinham tido nenhum curso (ver figura 11), mas foram, contudo, significativamente afetados. Ainda que o ensino à distância esteja a tornar-se cada vez mais normal para muitos, o impacto na aprendizagem desta transição abrupta parece ter sido mitigado apenas de uma forma moderada.

Figura 11 Perceções dos jovens (18-29 anos) sobre as mudanças na aprendizagem desde o início da crise da COVID-19 e sua avaliação de como estas irão afetar o sucesso dos estudos e formação



Nota: N: 6365 (mundial, sexo, grupo de rendimento do país, encerramento das escolas, realização dos cursos), 4901 (nível de escolaridade mais elevado obtido).

Um em cada três jovens (35 por cento) conseguiu manter ou melhorar a aprendizagem. Um em cada seis (16 por cento) jovens declarou ter aprendido mais desde o início da crise, ao passo que 19 por cento declararam não ter havido qualquer alteração na aprendizagem.

Tendo a maioria dos jovens declarado ter aprendido menos, metade (51 por cento) antecipou um atraso nos estudos e prováveis impactos na transição da escola para a vida ativa. Uma percentagem ligeiramente superior de mulheres (52 por cento) antecipava atrasos nos estudos ou formação, em comparação com 49 por cento dos homens (ver figura 11). É importante assinalar que 74 por cento dos jovens que tinham interrompido os cursos e 56 por cento dos jovens cujas escolas tinham fechado desde o início do surto antecipavam atrasos nos estudos. **Além disso quase um em cada dez (9 por cento) jovens estudantes inquiridos pensava que poderia reprovar,** mas esta constatação era consideravelmente mais elevada entre os que tinham concluído o ensino secundário (13 por cento), em comparação com os que tinham concluído algum nível de ensino superior (7 por cento).

As perspetivas de carreira são dominadas pela incerteza e pelo receio, uma vez que os jovens fazem uma avaliação sombria da sua capacidade de completar os estudos e a formação (ver secção 5 abaixo). As perceções dos estudantes sobre as suas perspetivas futuras de carreira são sombrias, sendo que 40 por cento enfrentam o futuro com incerteza e 14 por cento com medo. Declararam elevados níveis de *possível* ansiedade ou depressão,²⁷ que podem estar relacionados com o encerramento das escolas e instituições de ensino, privando os jovens do contacto social.

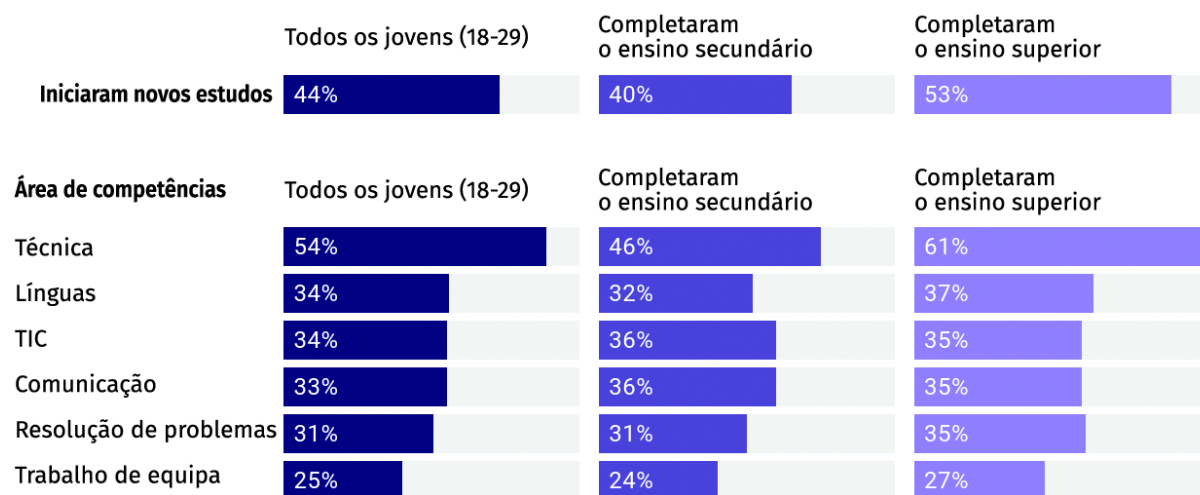
O maior problema para mim são os impactos no meu curso universitário. Os exames alternativos são diferentes dos que nos teriam sido dados se não existisse a pandemia da COVID-19. Tenho muita dificuldade em fazer revisões e, por conseguinte, em fazer bem estes exames que terão impacto na minha carreira futura. Além disso, o meu estágio também foi cancelado, o que significa que não terei formação ou experiência depois de concluir o curso.

-Nadia Minhas, 20 anos, Reino Unido

Todavia, os jovens não desistiram - cerca de metade procuraram novas oportunidades de aprendizagem, apesar da crise e do encerramento das escolas. Quarenta e quatro por cento dos jovens inquiridos tinham seguido novos cursos de formação desde o início da pandemia, sendo a maior incidência entre os que tinham concluído o ensino superior (53 por cento), como apresentado na figura 12. Ainda que a maioria dos jovens se tenha inscrito em cursos para desenvolver competências específicas ou técnicas (54 por cento), os jovens declararam estar interessados numa variedade de ofertas de formação diferentes, desde línguas estrangeiras, TIC e competências de comunicação até à resolução de problemas e trabalho de equipa.

²⁷ Medidos por um teste que indica três níveis de bem-estar mental: indicação de provável ou possível depressão ou ansiedade, ou nenhuma indicação de depressão ou ansiedade (ver secção 5 a seguir).

Figura 12 Percentagem de jovens (18-29 anos) que iniciaram novos cursos e em que áreas de competência



Nota: Foi perguntado (N: 6365 total dos jovens, 1834 com ensino secundário concluído, 2728 com ensino superior concluído) se tinham iniciado novos cursos ou formações desde o início do surto. Apenas os que responderam positivamente foram questionados sobre as áreas de competências das respetivas turmas.

5. BEM-ESTAR MENTAL

É expectável que a pandemia de COVID-19 e os seus impactos socioeconómicos afetem a saúde mental e o bem-estar das pessoas, uma situação que tem de ser abordada com urgência (ONU, 2020a). O stress familiar, o isolamento social, o risco de violência doméstica, as interrupções na educação e a incerteza sobre o futuro são alguns dos canais através dos quais a COVID-19 teve impacto no desenvolvimento emocional das crianças e dos jovens. Metade de todas as perturbações da saúde mental começam aos 14 anos de idade, o que significa que as crianças e os jovens estão particularmente em risco na presente crise (Kessler *et al.*, 2007). Importa também destacar que o suicídio é a segunda principal causa de morte entre os jovens com 15-29 anos de idade (OMS, 2015).

Para melhor compreender a condição do bem-estar mental dos jovens, o inquérito apresentava um módulo com a Escala de Bem-Estar Mental de Warwick-Edinburgh (SWEMWBS).²⁸ A SWEMWBS é um teste de bem-estar mental validado com base nas respostas dadas a sete afirmações relacionadas com o estado dos pensamentos e sentimentos das pessoas inquiridas. Estas sete afirmações são formuladas de forma positiva, com cinco categorias que vão desde «nunca» a «sempre». As respostas são agregadas numa pontuação final numa escala de 7-35, sendo as pontuações mais elevadas indicadoras de um melhor bem-estar mental. As pontuações no intervalo de 7-17 indicam uma *provável* depressão ou ansiedade, as pontuações entre 18-20 sugerem uma *possível* depressão ou ansiedade e as pontuações acima de 20 não sugerem *nenhuma* indicação de ansiedade ou depressão.

O inquérito concluiu que, a nível mundial, 1 em cada 2 dos jovens (ou seja, 50 por cento) com idades compreendidas entre os 18-29 anos estão *possivelmente* sujeitos a ansiedade ou depressão, ao passo que 17 por cento estão *provavelmente* afetados por estas (quadro 3). A pontuação média para a faixa etária dos 18-29 anos foi de 21 em 35. A título de comparação, as pontuações relativas ao bem-estar mental das populações jovens (16-25 anos) da Dinamarca e da Inglaterra em 2016 e da Islândia em 2017 foram mais elevadas, tendo sido, respetivamente de 25,8, 22,4 e 23,6 (Koushede *et al.*, 2019).

O bem-estar mental dos jovens (18-29 anos) cujos estudos ou trabalho tinham sofrido mais interrupções desde o início da pandemia foi grandemente reduzido. Os trabalhadores jovens que tinham perdido o emprego tinham quase duas vezes mais probabilidades de serem afetados por uma *provável* ansiedade ou depressão do que os jovens que continuavam empregados (23 por cento contra 14 por cento, respetivamente). Um aspeto importante a ter em conta é que os jovens que declararam não ter trabalhado desde o início da pandemia, mas que ainda estavam empregados (por exemplo, devido a licença ou modalidades semelhantes), não declararam um bem-estar mental pior do que os jovens que continuavam a trabalhar (com base em níveis *prováveis* de depressão ou ansiedade). Entre os jovens que pensavam que os estudos sofreriam atrasos ou que poderiam reprovar, 22 por cento foram *provavelmente* afetados por ansiedade ou depressão, em comparação com 12 por cento dos estudantes cujos estudos continuaram conforme previsto. As tendências são semelhantes quando se comparam estudantes que declararam ter aprendido menos. Estes resultados sublinham a relação entre o bem-estar mental, por um lado, e o sucesso escolar e a integração no mercado de trabalho, por outro.

²⁸ Escala de Bem-Estar Mental de Warwick-Edinburgh (SWEMWBS) © Serviço Nacional de Saúde da Escócia, Universidade de Warwick e Universidade de Edimburgo, 2008, Todos os direitos reservados.

Quadro 3 Bem-estar mental dos jovens (escala SWEMWBS)

		Provável ansiedade ou depressão (%)	Possível ansiedade ou depressão (%)	Nenhum sinal de ansiedade ou depressão (%)	Pontuação média (7–35)	N
Faixas etárias	18-29	16,7	50,2	49,8	21,0	7589
	30-34	11,1	45,0	55,0	21,4	1002
Sexo (18–29)	Mulheres	18,3	53,4	46,7	20,7	4904
	Homens	14,8	46,5	53,5	21,4	2685
situação no mercado de trabalho (18–29)	Trabalham	13,5	47,3	52,7	21,3	2358
	Deixaram de trabalhar (sem horas trabalhadas)	13,6	52,3	47,7	20,8	306
	Deixaram de trabalhar (perderam o emprego)	22,6	59,8	40,2	20,0	195
Consequências na educação (18–29)	Aprenderam o mesmo/mais	10,7	37,7	62,3	22,4	2110
	Aprenderam menos	21,5	57,8	42,2	20,2	3034
	Os estudos continuaram conforme previsto	11,8	40,3	59,7	22,2	2354
	Atrasaram os estudos ou poderão reprovar	21,9	58,2	41,8	20,1	2790

Nota: As pontuações são baseadas na Escala de Bem-Estar Mental de *Warwick-Edinburgh* (SWEMWBS) e variam de 7 a 35. As pontuações mais elevadas indicam um maior bem-estar mental positivo. As pontuações entre 7-17 representam uma *provável* depressão ou ansiedade; as pontuações entre 18-20 sugerem uma *possível* depressão ou ansiedade e as pontuações entre 21-35 não sugerem *nenhuma indicação* de ansiedade ou depressão.

O bem-estar mental médio era mais baixo entre as mulheres jovens. Em comparação com os homens jovens inquiridos, existia uma probabilidade de as mulheres apresentarem mais 7 pontos percentuais de sinais *possíveis* de ansiedade ou depressão e de mais 4 pontos percentuais de sinais *prováveis* de ansiedade ou depressão.²⁹ Este facto pode ser uma indicação de que as mulheres jovens estão mais sujeitas a responsabilidades indutoras de *stress* em casa.

²⁹ As mulheres estudantes tinham 7,8 por cento mais probabilidades do que os homens estudantes de demonstrar sinais de *possível* ansiedade ou depressão. A assimetria de género encontrada entre os trabalhadores jovens era muito semelhante aos 7,4 por cento. Não havia, contudo, qualquer diferença visível nas horas de trabalho entre os trabalhadores jovens, uma vez que, em média, as mulheres trabalhavam 6,2 horas por dia, em comparação com as 6,1 horas trabalhadas pelos homens. Isto sugere que as diferenças de género no bem-estar mental não são motivadas por diferenças nos resultados ou na situação no mercado de trabalho (estudar ou trabalhar).

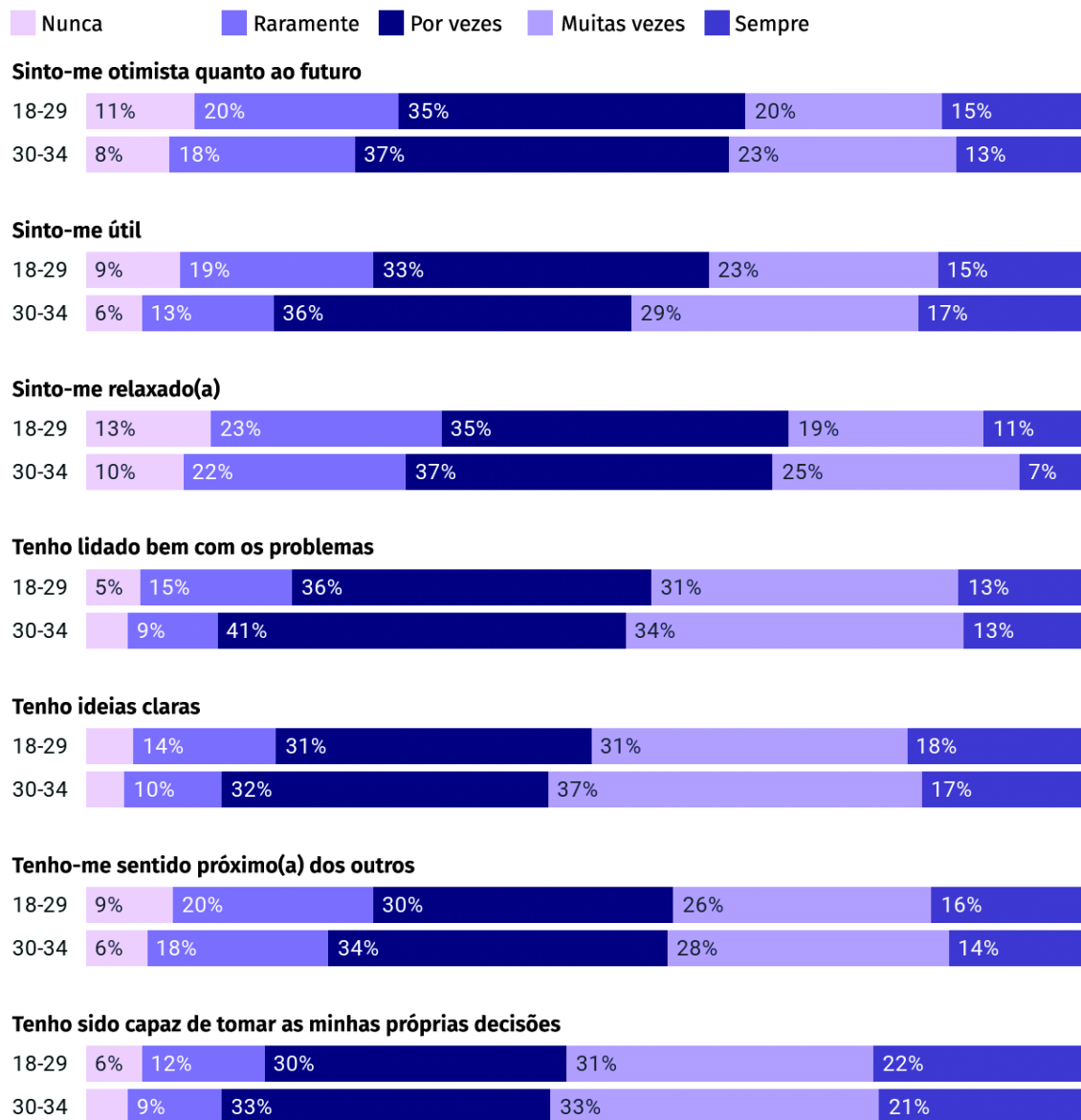


Entreguei alimentos a amigos e mantive-me em contacto diário com todos os meus amigos e familiares. Teria feito mais, mas também preciso de dar prioridade à minha própria saúde mental, que não está assim tão bem, mas não me é possível ir ao médico.

-Kaja Raščan, 25 anos, Eslovénia

Fica demonstrado que o bem-estar mental durante a crise está em certa medida relacionado com a idade, sendo que os grupos mais jovens apresentam piores resultados em matéria de bem-estar. Na faixa etária dos 18-29 anos, 17 por cento dos inquiridos foram avaliados como estando *provavelmente* a sofrer de ansiedade ou depressão, em comparação com 11 por cento na faixa etária dos 30-34 anos (ver quadro 3). Ainda que as faixas etárias mais jovens tenham tido piores resultados nas respostas a cada uma das sete declarações no teste *SWEMWBS*, destacam-se três áreas em particular (figura 13): os jovens (18-29 anos) declararam desproporcionadamente que *nunca* ou *raramente* se sentiam «relaxados» (35 por cento para os dois), «otimistas» (31 por cento para os dois) ou «próximos das outras pessoas» (29 por cento para os dois). Estes resultados são provavelmente consequência do encerramento generalizado de escolas e locais de trabalho que afetaram os jovens, bem como das preocupações relacionadas com a sua saúde e a saúde da família e dos entes queridos.

Figura 13 Escala de Bem-Estar Mental de *Warwick-Edinburgh* - Declarações e possíveis respostas (grupos etários 18-29 e 30-34 anos)

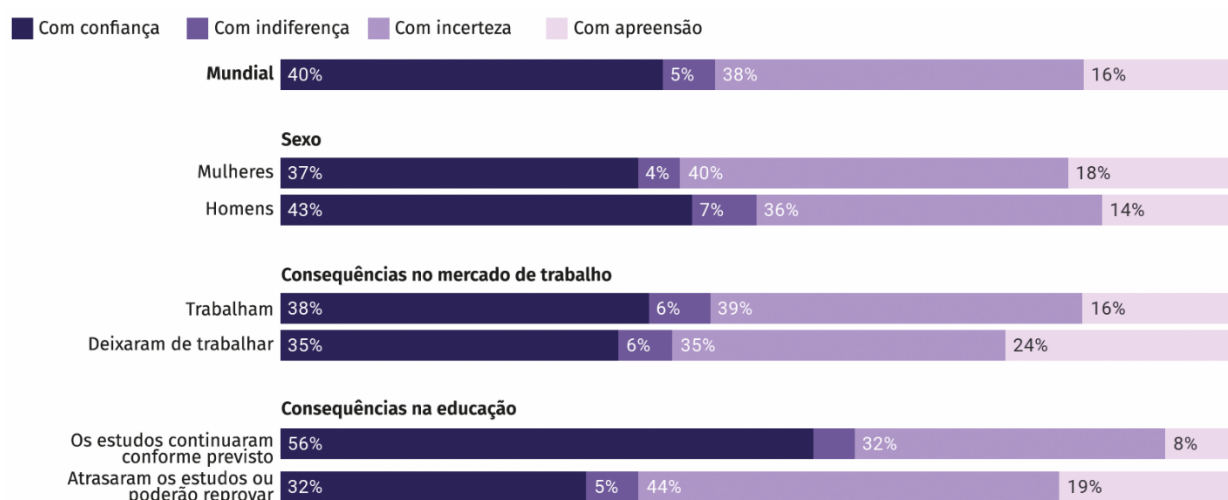


Nota: N: 7589 (18-29 anos), 1002 (30-34 anos).

As aspirações e a sua realização fazem parte do bem-estar mental dos jovens e desempenham um papel importante na determinação de uma transição bem-sucedida para o trabalho digno. Muitos jovens viram o seu futuro ser afetado pela pandemia; as escolas foram encerradas, não foram realizados exames e as economias estão a contrair-se. O nível e o tipo de aspiração dos jovens é, em grande parte, determinado pelo ambiente externo. O medo constante, a preocupação e fatores de *stress* da população durante a crise da COVID-19 podem ter consequências a longo prazo, nefastas para os jovens, entre as quais, por exemplo, uma deterioração das redes sociais.

Trinta e oito por cento dos jovens, a nível mundial, exprimem incertezas e 16 por cento receiam as repercussões nas suas perspetivas futuras de carreira (figura 14). Os jovens que deixaram de trabalhar desde o início da pandemia manifestaram preocupações mais fortes e 24 por cento destes declararam receios quanto às suas perspetivas de carreira. Do mesmo modo, os jovens estudantes cujos estudos foram interrompidos pela crise declararam sentirem-se inseguros consideravelmente mais vezes (44 por cento) do que os estudantes cujos estudos continuaram conforme previsto (32 por cento). As mulheres sentiam-se, em média, menos confiantes e com mais incertezas relativamente ao futuro do que os homens.

Figura 14 Perceções dos jovens (18-29 anos) sobre as perspetivas futuras de carreira



Nota: N: 9501 (mundial, sexo), 3583 (resultados no mercado de trabalho), 6364 (resultados na educação).

6. OS DIREITOS

Os jovens - à semelhança de muitos grupos vulneráveis (ACNUDH, 2018) - têm tido muitas vezes dificuldade em aceder aos seus direitos. Tal inclui o exercício do direito à educação; habitação acessível; serviços de saúde, incluindo a saúde mental; participação cívica; bem como direitos no trabalho. Não obstante todos terem direito a beneficiar dos direitos humanos, independentemente da nacionalidade, sexo, raça, religião, origem étnica ou qualquer outro estatuto, alguns grupos de pessoas, incluindo jovens e sobretudo as mulheres, enfrentam mais barreiras do que outros no acesso aos seus direitos. Foram utilizadas restrições em termos de idade para discriminar os jovens em matéria de emprego, capacidade jurídica e direitos de voto (Equinet, 2016; Fórum Europeu da Juventude, 2016).

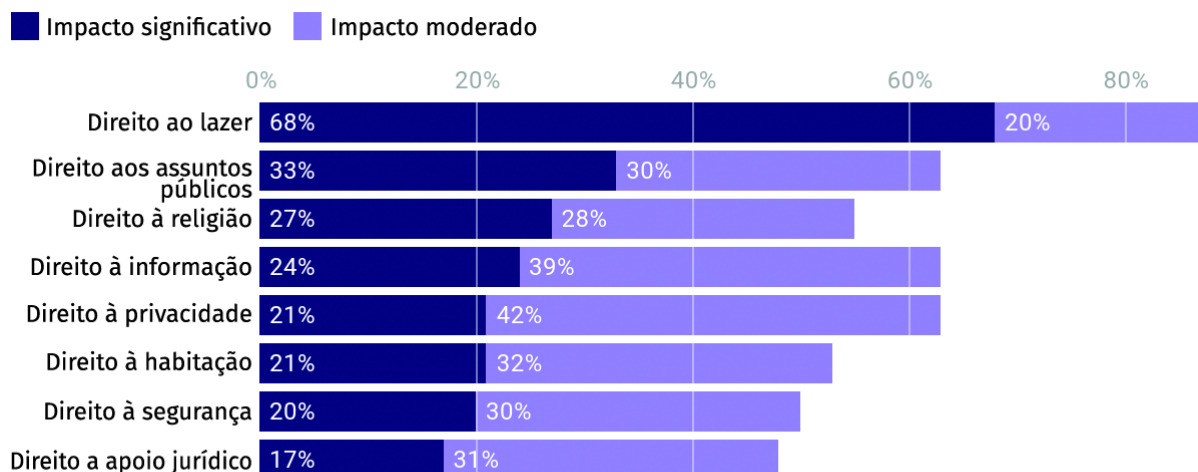
A pandemia e as medidas de segurança associadas exacerbaram as vulnerabilidades dos jovens no acesso aos direitos humanos (ONU, 2020b). Em todo o mundo, os países tomaram medidas decisivas em resposta à pandemia, incluindo a adoção de medidas de «ficar em casa» para abrandar a propagação da COVID-19. Um corolário inevitável tem sido a limitação da liberdade de circulação dos jovens, o que tem tido um impacto grave nos seus direitos ao lazer, à participação em assuntos públicos e à prática da sua religião ou crenças (ver figura 15).³⁰ Sessenta e oito por cento dos jovens declararam ter limitações significativas nas atividades recreativas, incluindo sair, encontrar-se com amigos, concretizar interesses desportivos e culturais e viajar, como resultado da pandemia. As mulheres jovens registaram um maior impacto no seu direito ao lazer (71 por cento) do que os homens (65 por cento).

Um em cada três jovens tinha sentido um impacto significativo no seu direito de participar em assuntos públicos. Este impacto é mais elevado para os jovens de países de baixo rendimento (40 por cento) em comparação com os jovens de países de rendimento médio-baixo (36 por cento) e de rendimento elevado (28 por cento). Os jovens enfrentam desafios na participação em processos políticos, nas instituições e na formulação de políticas mesmo nas melhores alturas, devido a fatores como a sua suposta falta de experiência, as oportunidades limitadas e barreiras legais, por exemplo, a idade mínima exigida para se candidatar a um cargo é superior à idade exigida para votar. Um estudo pré-COVID-19 realizado pela União Interparlamentar concluiu que apenas menos de 2 por cento dos membros dos parlamentos do mundo tinham menos de 30 anos de idade, em comparação com os 14 por cento com menos de 40 anos e os 26 por cento com menos de 45 anos (UIP, 2016). Estão a ser utilizadas reuniões *online* e alternativas digitais para contornar as medidas de distanciamento físico, contribuindo estas para dar voz aos jovens (Murray, 2020). Porém, o acesso desigual à internet significa que a maioria dos jovens não tem esta opção (IANYD, 2020).

Mais de um em cada quatro jovens (27 por cento) declarou que a pandemia teve um impacto significativo no seu direito à liberdade de religião ou crença. Os jovens de ambos os sexos foram afetados numa medida quase igual. O impacto tem sido mais significativo nos jovens de países de rendimento mais baixo (ou seja, 51 por cento de países de baixo rendimento e 37 por cento de países de rendimento médio baixo) do que nos países de rendimento elevado (19 por cento).

³⁰ Os inquiridos autoavaliaram a medida em que os seus direitos foram afetados em oito áreas. Havia cinco categorias de resposta: «extremamente», «muito», «moderadamente», «um pouco» e «nada». «Impacto significativo» compreende as respostas «extremamente» e «muito», ao passo que «impacto moderado» compreende as respostas «moderadamente» e «um pouco».

Figura 15 Importância do impacto nos direitos dos jovens (18-29 anos)



Nota: Este gráfico apresenta a percentagem obtida para cada possível resposta à pergunta: «Em que medida foram os seus direitos afetados pela pandemia da COVID-19 nas seguintes áreas?». Algumas das perguntas do inquérito sobre direitos foram simplificadas para facilitar a compreensão. Foram utilizados os termos direito à «prática da religião/crença», «segurança pessoal, incluindo proteção da violência» e «acesso a apoio ou representação jurídica e/ou acesso à justiça (por exemplo, tribunais)» em vez de «direito à liberdade de religião ou crença», «direito a ser livre da violência» e «direito a assistência jurídica», respetivamente. N: 7815.

Quase um em cada quatro jovens (24 por cento) declarou ter sentido um impacto significativo no seu direito à informação. A propagação da desinformação sobre a COVID-19, particularmente através dos meios de comunicação social, tem sido galopante durante a pandemia. Em resposta, os jovens de todo o mundo canalizaram a sua criatividade para contrariar a sua propagação, ajudando a promover a sensibilização nas suas comunidades.³¹

Os jovens identificados como pertencendo a uma minoria étnica, religiosa ou outra, observaram impactos mais pronunciados do que outros grupos de jovens no que diz respeito aos direitos à liberdade de religião ou crença, habitação, liberdade de não ser vítima de violência e direito a assistência jurídica. Entre os jovens que se identificaram como pertencendo a uma minoria, 44 por cento declararam impactos significativos no direito à liberdade de religião, em comparação com 37 por cento de outros jovens. De igual modo, 27 por cento e 25 por cento, respetivamente, dos jovens pertencentes a minorias declararam um impacto significativo no direito à habitação e estar livres da violência. Isto, em comparação com os 20 por cento e 18 por cento, respetivamente, de outros jovens que observaram estes mesmos impactos significativos.

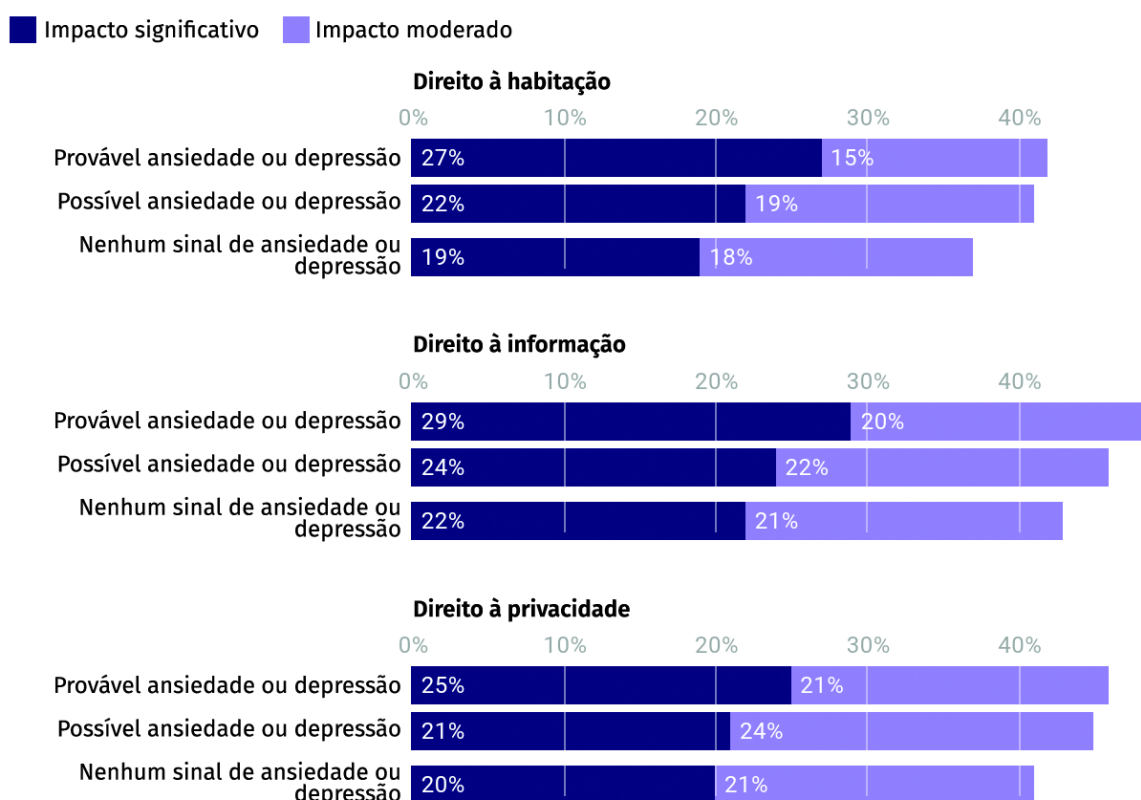
³¹ Ver exemplos na série de blogs *Decent Jobs for Youth: Youth Rights and Voices: "Ye! Community: Innovation, hope and the future – A young Nigerian redefines innovation during COVID-19", "Youth Volunteers help to turn the tide on coronavirus" e "Youth driving action against the pandemic in Nairobi's Mathare slum"*. Disponíveis em: www.decentjobsforyouth.org/blogs.

Os jovens que tinham deixado de trabalhar declararam com mais frequência que o seu direito à habitação tinha sido afetado. Tudo isto sublinha como o impacto generalizado da pandemia no mercado de trabalho se pode traduzir em desafios sérios para os jovens no que respeita ao pagamento e à manutenção da sua habitação atual. Quase um em cada três (32 por cento) jovens que tinha deixado de trabalhar desde o surto da pandemia declarou que o seu direito à habitação tinha sido significativamente afetado, em comparação com 21 por cento dos jovens que tinham continuado a trabalhar.

Os jovens casados ou a viver em união de facto sentiram um impacto mais significativo no seu direito a não serem vítimas de violência do que os jovens sós. A diferença é de quatro pontos percentuais para as mulheres (15 por cento para as jovens solteiras e 19 por cento para as que vivem em união de facto) e de três pontos percentuais para os homens (20 por cento para os jovens sós (solteiros), em comparação com 23 por cento dos que vivem em união de facto. Este resultado está em alinhamento com os relatos de níveis mais elevados de violência doméstica durante a pandemia.

Um maior impacto nos direitos está associado a um bem-estar mental mais reduzido. A figura 16 mostra que os jovens que estão *provavelmente* sujeitos a ansiedade ou a depressão têm também mais probabilidades de declarar um impacto significativo em alguns dos seus direitos, em comparação com os que *não têm qualquer indicação* de ansiedade ou depressão. Estes direitos incluem o direito à habitação (27 por cento contra 19 por cento, respetivamente), o direito à informação (29 por cento contra 22 por cento, respetivamente) e o direito à privacidade (25 por cento contra 20 por cento, respetivamente).

Figura 16 Bem-estar mental e a magnitude do impacto nos direitos dos jovens (18-29 anos)



Nota: O gráfico apresenta a magnitude dos impactos nos direitos dos jovens, desagregados por nível de bem-estar mental (provável ansiedade ou depressão, possível ansiedade ou depressão, nenhum sinal de ansiedade ou depressão, ver Quadro 3). N: 7589.

7. ATIVISMO SOCIAL E COMPORTAMENTOS DOS JOVENS

O ativismo social dos jovens,³² bem como os seus comportamentos, estão a contribuir para mitigar os impactos económicos e sociais da COVID-19, através do cumprimento das medidas dos governos, do voluntariado, das doações e da sensibilização (Programa das Nações Unidas para a Juventude, 2020, p. 6). Não obstante as limitações impostas pela pandemia, o inquérito mostra que os jovens estão a transformar a crise numa oportunidade de ação coletiva, apoiando as suas comunidades através do voluntariado e de doações.

Ainda que os jovens tenham sido altamente cumpridores das medidas de confinamento em casa, conseguiram, contudo, manter-se ligados a amigos e familiares. Quatro em cada cinco (80 por cento) dos jovens (18-29 anos) inquiridos declararam ter ficado em casa em larga medida, enquanto 66 por cento procuraram amigos, familiares e entes queridos em larga medida (figura 17). As mulheres jovens tiveram as duas atitudes, mais do que os homens jovens. Tal pode estar relacionado com o facto de que há mais jovens trabalhadoras a trabalhar a partir de casa do que jovens trabalhadores (75 por cento contra 68 por cento, respetivamente). Este facto demonstra o grande respeito pela política de «ficar em casa», bem como a importância de permanecer em contacto com as redes sociais, embora muitos só raramente ou nunca se puderam encontrar pessoalmente com amigos e familiares. Demonstra também a conectividade digital dos jovens que conseguem manter-se em contacto através das redes sociais e de plataformas *online*.



Estou a lutar contra a propagação de desinformação e de notícias falsas sobre a COVID-19. Digo aos meus amigos e familiares para serem humanos e para demonstrarem amor e bondade aos nossos trabalhadores da saúde e da segurança: os nossos médicos, a polícia, os trabalhadores de saneamento e quaisquer trabalhadores que lutem na linha da frente da COVID-19.

-Nikhat Akhtar, 29 anos, Índia



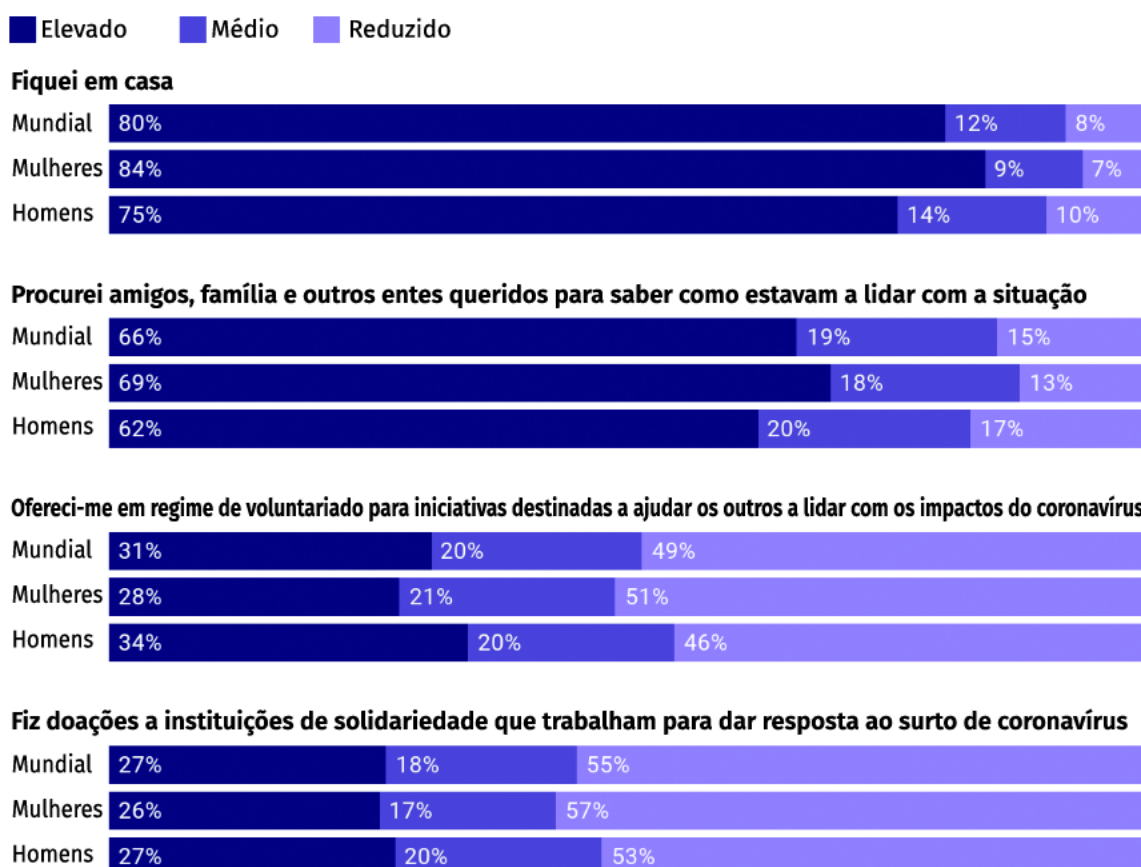
Sou voluntária num serviço de aconselhamento *online* para oferecer apoio de cuidados de saúde mental às pessoas que dele necessitam. Juntei-me à direção do «Grupo de Apoio da Cruz Vermelha», onde angariamos fundos para comprar e distribuir alimentos para os mais necessitados. Juntei-me ao Ministério da Saúde do Quênia como defensora da juventude para apoiar uma formação de pessoal de segurança privada sobre como utilizar eficazmente os EPI (equipamentos de proteção individual).

-Mari-Lisa Njenga, 26 anos, Quênia

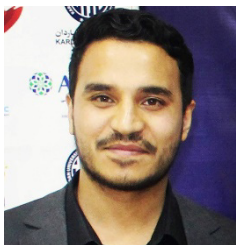
³² O ativismo social é definido como qualquer ação intencional para prestar ajuda e apoio imediato a outros grupos afetados que não o próprio, especialmente as populações mais vulneráveis, bem como o ato de trabalhar para a recuperação a longo prazo ou em sua defesa.

Mais de um em cada quatro jovens declarou um elevado grau de envolvimento no voluntariado e ter feito doações para dar resposta à COVID-19, tendo sido observadas apenas pequenas diferenças entre homens e mulheres (ver figura 17). Trinta e um por cento dos jovens indicaram um elevado grau de voluntariado, ao passo que 27 por cento doaram em grande medida, demonstrando assim um comportamento altruísta considerável.

Figura 17 Nível de ativismo social dos jovens (18-29 anos)



Nota: Foi pedido inquiridos às pessoas inquiridas que classificassem em que medida as declarações a seguir descrevem o seu comportamento, de 1 (Não se aplica de todo) a 10 (Aplica-se muito). «Em grande medida» representa a percentagem de pessoas inquiridas que classificaram a declaração entre 7-10, «em importância média» os que a classificaram entre 4-6, e «em importância reduzida» os que a classificaram entre 0-3. N: 7815.

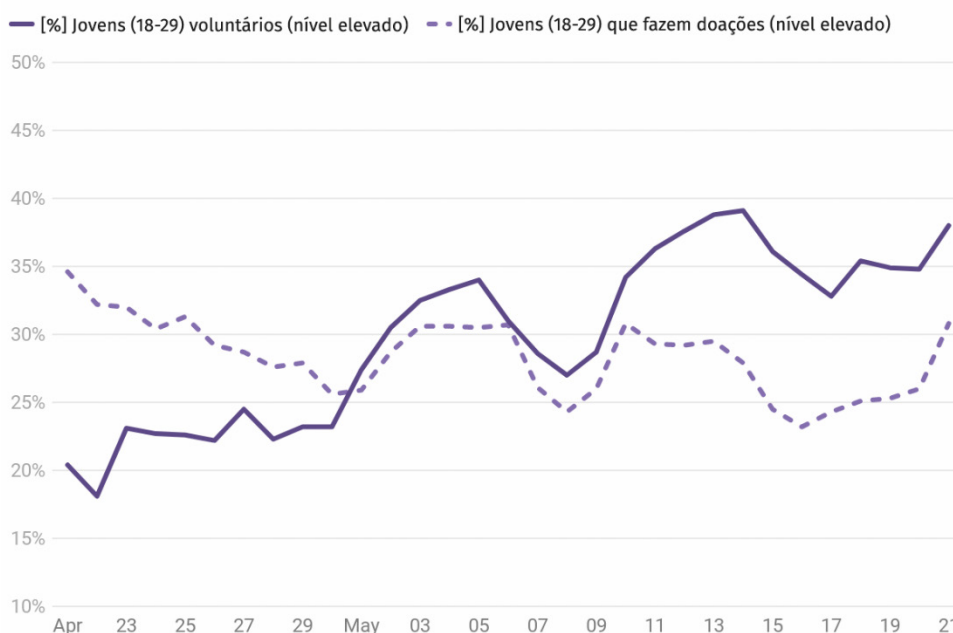


Criei um grupo no *Facebook* para as pessoas se poderem atualizar sobre o surto de Coronavírus no Afeganistão, para partilhar artigos e estudos e mantê-las informadas.

—Sayed Ahmad Fahim Masoumi, 23 anos, Afeganistão

Através da análise das tendências temporais do comportamento, os jovens (entre os 18-29 anos de idade) aumentaram regularmente o nível de participação em atividades de voluntariado em resposta à crise durante o período do inquérito. Enquanto no início do inquérito cerca de 20 por cento dos jovens declararam um elevado grau de participação em atividades de voluntariado, esta percentagem tinha aumentado para 38 por cento no final deste (figura 18). Pelo contrário, as doações dos jovens para a solidariedade não flutuaram significativamente ao longo do tempo. Tal pode ser atribuído às medidas de confinamento adotadas durante o período inicial do inquérito, tal como as regras de distanciamento físico, que facilitaram mais as doações (*online*, por exemplo) do que o voluntariado. Pode também dever-se à perda de rendimentos durante o período de inquérito, o que restringiu a capacidade de os jovens fazerem doações. À medida que as restrições ao confinamento foram sendo aliviadas e as iniciativas de jovens e as redes de voluntariado foram ficando mais organizadas, os jovens mostraram-se cada vez mais disponíveis para apoiar as suas comunidades na luta contra as consequências da pandemia da COVID-19.

Figura 18 Ativismo social jovem (18-29 anos) ao longo do tempo



Nota: É representada, para cada dia (cinco dias consecutivos), a média de todas as pessoas inquiridas com base na pontuação dos países de residência. As médias são estimadas através de um modelo de efeitos fixos, que inclui variáveis mudas, para cada combinação de país e específica para homens e para mulheres tendo em vista minimizar os efeitos da composição da amostra ao identificar tendências temporais. N: 7815.

O inquérito recebeu 4119 respostas à pergunta aberta «Como ajudou os outros?», proporcionando-nos ideias-chave e exemplos de ativismo social jovem. Entre as principais tendências, surgem a autodisciplina e os cuidados aos mais próximos, assim como exemplos em que os jovens assumem responsabilidade pessoal, seguindo as regras e protegendo-se a eles próprios e alargando o apoio emocional à família e amigos. Muitos jovens deram exemplos do modo como estavam a combater a desinformação através da sensibilização do público, indicando onde encontrar fontes de informação fidedignas sobre a COVID-19 e também através do lançamento e adesão a campanhas *online*. Os jovens desempenharam papéis importantes nas suas comunidades, tendo participado em iniciativas de apoio e na mobilização de recursos para as pessoas que deles precisavam, incluindo pessoas idosas, migrantes, pessoas pobres, mulheres e crianças que enfrentam violência doméstica, grupos minoritários/étnicos e pessoas com deficiência.

Os jovens empresários e os empregadores estão também a desempenhar um importante papel na ajuda aos outros, através de apoio financeiro e apoio relacionado com o trabalho aos trabalhadores e parceiros, e assegurando a saúde e segurança no local de trabalho. Estão também a utilizar as suas competências apoiando o ensino *online*, oferecendo doações monetárias e de materiais e realizando angariações de fundos, bem como produzindo e distribuindo gratuitamente equipamento de proteção individual (EPI), alimentos e produtos de higiene.



Inscrevi-me como voluntária em quatro iniciativas diferentes. Telefonei regularmente à minha família e aos meus amigos, organizei um *quiz* para os meus amigos se reunirem *online*, organizei encontros regulares com os meus colegas para uma pausa para café *online*, ajudei a criar um grupo no *WhatsApp* para os colegas que estavam de licença, comecei a fazer uma lista das coisas que posso fazer em casa.

-Emma Wildsmith, 27 anos, Reino Unido

8. RESPOSTAS POLÍTICAS À COVID-19: A VOZ E AS PERCEÇÕES DOS JOVENS

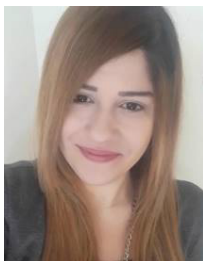
Os jovens têm o direito de participar nos processos de tomada de decisões que os afetam. É, por isso, fundamental que os governos integrem mecanismos de participação dos jovens na concepção e implementação de medidas para enfrentar os efeitos da pandemia. Há muito a ganhar com o envolvimento real dos jovens nas ajudas de emergência, uma vez que os jovens já estão a organizar ativamente medidas de recuperação nas suas comunidades locais e para além destas. Além disso, tal como a presente secção sublinha, os jovens trazem consigo perspetivas que são cruciais, orientadas para o futuro e fundamentadas nas suas experiências específicas.

Para demonstrar que tipo de orientação os jovens podem dar às medidas de apoio quando estão envolvidos na tomada de decisões, uma das perguntas do inquérito era a seguinte: «Se fosse o líder do seu país, o que faria?»³³ As respostas revelam uma grande consciência da pandemia, do seu impacto, das respostas políticas relacionadas e da sua eficácia. Os jovens estão preocupados com o impacto da crise nas populações vulneráveis, incluindo as pessoas pobres, os trabalhadores migrantes, os trabalhadores informais, pessoas idosas, os trabalhadores e trabalhadoras da saúde da linha da frente e as pessoas que ficaram recentemente desempregadas. As ideias podem ser agrupadas em quatro grupos: 1) medidas de confinamento; 2) medidas para proteger os trabalhadores e apoiar as empresas, empregos e rendimentos; 3) medidas que permitam os serviços de saúde fazer face à crise sanitária; e 4) medidas de governação para melhorar a eficácia das políticas.

Medidas de confinamento

Ainda que sessenta e três por cento dos jovens inquiridos sejam a favor de medidas mais firmes, muitas das pessoas inquiridas salientaram também os efeitos negativos que as medidas tiveram no emprego, em grupos como os trabalhadores informais e os migrantes (figura 19). Como líderes dos seus países, os jovens manteriam as medidas de distanciamento físico, favorecendo simultaneamente as atividades geradoras de rendimentos seguros. Exortaram os governos a continuar a impor o trabalho a partir de casa sempre que possível e a aliviar gradualmente as restrições, com uma ênfase na saúde e segurança dos trabalhadores. O apoio a medidas de confinamento mais fortes foi manifestamente menor entre os jovens que tinham deixado de trabalhar desde o início da crise (55 por cento), ao passo que não se verificou uma diferença clara entre o grupo de estudantes que consideravam que os seus estudos se iriam atrasar e os outros.

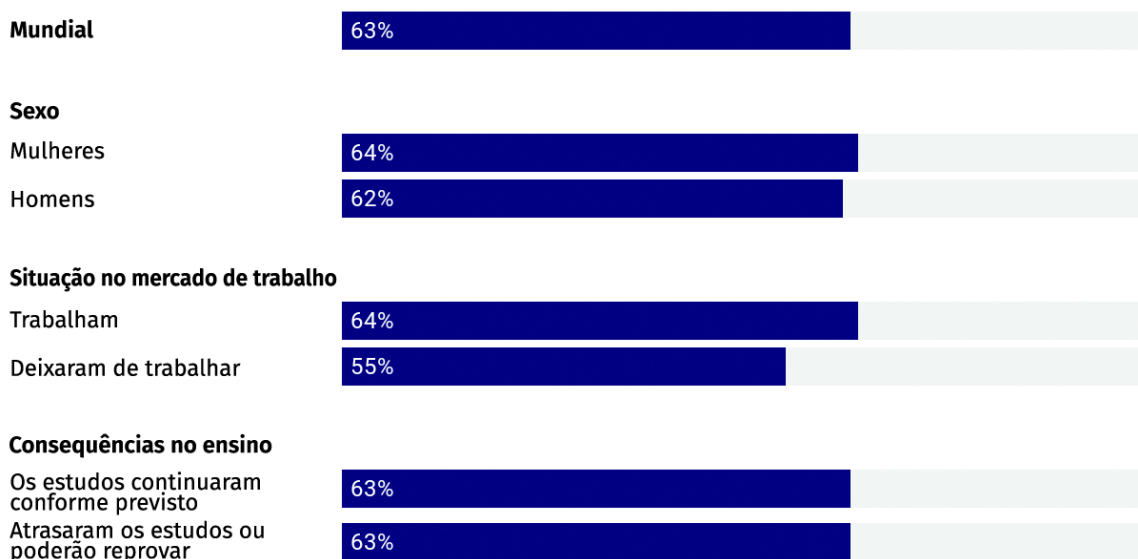
³³ O inquérito recebeu 4997 respostas à pergunta aberta: «Queremos saber que tipo de medidas recomenda que sejam implementadas. «Se fosse o líder do seu país, o que faria?»



Daria alimentos às pessoas para que pudessem ficar em casa e evitar contactarem umas com as outras. Não se pode obrigar as pessoas a ficar em casa se não tiverem nada para comer.

-Aimee Bechara, 30 anos, Líbano

Figura 19 Percentagem de jovens (18-29 anos) que apoiam o reforço das medidas de confinamento



Nota: N: 8693 (mundial, sexo), 3248 (consequências no mercado de trabalho), 5896 (consequências na educação).

Medidas para proteger os trabalhadores e apoiar as empresas, empregos e rendimentos

Tendo em vista a proteção dos grupos vulneráveis e desfavorecidos, os jovens propuseram aumentar o apoio ao rendimento dos que ficaram recentemente desempregados, prevenir a perda de empregos em massa através da negociação com os empregadores, fornecer planos de estímulo a pequenas e médias empresas e avançar no reforço dos pisos de proteção social como forma de alargar a cobertura das redes de segurança. Os jovens também propuseram tomar medidas de apoio imediato, tais como a distribuição de alimentos, ao passo que um pequeno número mencionou a necessidade de uniformizar os preços dos bens essenciais e apelou ao congelamento de impostos, rendas, empréstimos e propinas escolares.



Imporia sanções rigorosas aos empregadores que dessem prioridade ao lucro à frente das pessoas, que suspendessem (sem remuneração) ou despedissem desnecessariamente as pessoas. Asseguraria a sobrevivência dos setores essenciais, mas não à custa de vidas humanas.

-Ali Thameem, 24 anos, Sri Lanka

De uma forma geral, os jovens têm uma impressão positiva das medidas de resposta tomadas pelo governo para proteger os trabalhadores, empregos e empresas dos impactos da pandemia. Cinquenta e seis por cento dos jovens consideraram positiva a resposta tomada pelo seu governo, contra 30 por cento que a consideraram negativa.³⁴ As percepções das respostas do governo não variaram significativamente entre mulheres e homens, nem entre os jovens que tinham deixado de trabalhar desde o início da pandemia e os que continuaram a trabalhar. Contudo, os estudantes que anteciparam um atraso ou mesmo o potencial fracasso dos seus estudos parecem aprovar menos as medidas de resposta do governo (56 por cento contra 65 por cento, respetivamente).

No que diz respeito à sua opinião sobre políticas específicas relacionadas com o mercado de trabalho,³⁵ os jovens apoiaram amplamente as ações até agora tomadas pelos governos. Oitenta e seis por cento dos inquiridos apoiaram pelo menos uma em cada quatro medidas políticas, como apresentado na figura 20. As medidas de apoio ao rendimento (78 por cento) e de apoio aos trabalhadores (75 por cento) foram as mais citadas. De uma forma geral, o apoio às medidas políticas é mais elevado entre os jovens que continuaram a trabalhar após o início da pandemia (91 por cento apoiam pelo menos uma medida política) do que entre os que deixaram de trabalhar (82 por cento apoiam pelo menos uma medida política). Tal parece estar relacionado com quem beneficia atualmente das medidas políticas proporcionadas (ver secção 3 sobre as medidas de emprego que os jovens declararam receber).

Ser mais velho correlaciona-se positivamente com uma maior aprovação das medidas do governo. Em geral, o grupo com mais idade da amostra (30-34 anos) expressou uma aprovação ligeiramente superior das medidas de resposta, o que pode estar associado à sua maior taxa de participação no mercado de trabalho, em comparação com os mais jovens (18-29 anos) (ver figura 20).

³⁴ Avaliação positiva: classificar a resposta do governo como «suficiente» ou «relativamente suficiente». Avaliação negativa: classificar a resposta do governo como «relativamente insuficiente» ou «insuficiente». As diferenças para 100 por cento são as da categoria «nem suficiente nem insuficiente».

³⁵ No inquérito, era perguntado aos jovens se apoiavam várias medidas de resposta do governo. As categorias de perguntas foram separadas em quatro tipos de medidas: apoio ao rendimento, apoio às empresas, apoio aos empregados e apoio à formação/aprendizagem.

Figura 20 Percentagem de pessoas inquiridas que apoiam as medidas políticas

	Idade: 18-29	Idade: 30-34	Trabalham (18- 29)	Deixaram de trabalhar (18-29)
Pelo menos uma medida política	86%	88%	91%	82%
Apoio ao rendimento (p. ex., pagamentos em dinheiro ou subsídio de desemprego)	78%	80%	82%	75%
Apoio aos trabalhadores (p. ex., partilha de trabalho)	75%	77%	78%	70%
Oportunidades/subsídios para formação e aprendizagem	69%	71%	74%	71%
Apoio à empresa (p. ex., benefícios fiscais, subsídios salariais)	69%	73%	73%	68%

Nota: O gráfico representa a percentagem de pessoas inquiridas que apoiam a respetiva medida política. As categorias não se excluem mutuamente. N: 8683 (18-29 anos), 1145 (30-34 anos), 2668 (a trabalhar, 18-29 anos), 577 (deixaram de trabalhar, 18-29 anos).



O meu conselho é dar apoio aos jovens em situação de desemprego da comunidade e às pessoas vulneráveis, como as pessoas idosas e as pessoas com deficiência. Apelo às nossas autoridades para que forneçam máscaras e gel desinfetante gratuitos.

-Ivy Tecla Nabwire, 26 anos, Quênia

Medidas para impulsionar os serviços de saúde visando enfrentar a crise sanitária

A voz dos jovens foi direcionada para a melhoria das infraestruturas e dos equipamentos de saúde pública para os trabalhadores e trabalhadoras da linha da frente, ao mesmo tempo que melhoravam os testes e o rastreio. Como líderes, os jovens colocam uma grande ênfase na garantia de disponibilização de EPI adequados ao pessoal de enfermagem e médico. Trabalhariam estreitamente com os serviços de cuidados de saúde privados no imediato, aumentando paralelamente a despesa com os cuidados de saúde públicos para assegurar a cobertura e a qualidade dos serviços de saúde para todos. Um pequeno número referiu disse que aumentaria o financiamento para a investigação médica.

Medidas de governação

Como líderes, os jovens assegurariam a igualdade de acesso à informação e, ao mesmo tempo, reforçariam a responsabilização e coordenação das respostas do governo. Os jovens atribuíram um elevado valor ao fornecimento de informações precisas e atempadas sobre a COVID-19, bem como às medidas de prevenção necessárias para evitar e reduzir a infeção e informações sobre como tirar partido do apoio do governo. Sublinharam a necessidade de uma maior responsabilização por parte do governo e de um maior escrutínio para prevenir a corrupção. No que concerne a abordagem descentralizada observada nos vários países, os jovens apelaram a uma melhor coordenação entre os governos centrais e regionais, bem como os municípios, para assegurar que as intervenções abrangem as zonas rurais, e defenderam a abordagem dos problemas específicos de cada região em detrimento de uma abordagem generalizada. Ainda que em menor grau, os jovens também salientaram a importância de fomentar investimentos em TIC para permitir que mais pessoas possam trabalhar remotamente e aceder a serviços *online*, desde a aprendizagem aos serviços de aconselhamento e de emprego, sobretudo nas zonas rurais.

9. PRINCIPAIS CONCLUSÕES E AÇÕES DE POLÍTICAS DE EMPREGO PARA OS JOVENS

O Inquérito Mundial sobre os Jovens e a COVID-19 revela que os impactos da pandemia nos jovens, particularmente entre as mulheres, os jovens com menos idade e os jovens de países de rendimento mais baixo, são sistemáticos, profundos e desproporcionados. O inquérito documenta o impacto da pandemia na vida dos jovens e nos seus direitos em quatro áreas principais, nomeadamente emprego, ensino e formação, bem-estar mental e outros direitos. Documenta igualmente as ações dos jovens, incluindo o ativismo social e os comportamentos de resposta à crise, bem como as atitudes em relação às medidas políticas. A síntese que se segue destaca as principais conclusões e faz uma reflexão sobre as ações políticas que os governos, parceiros sociais, os jovens e as organizações da sociedade civil e outras necessitam tomar em resposta à pandemia.³⁶

Emprego

A pandemia da COVID-19 empurrou jovens com 18-29 anos para fora do mercado de trabalho mundial, tendo um em cada seis jovens declarado ter tido de deixar de trabalhar desde o início da crise. Os trabalhadores mais jovens (em comparação com os de 30-34 anos), bem como os que trabalhavam como empregados administrativos, em serviços e em vendas, e ainda os operários, artífices e trabalhadores similares tinham uma maior probabilidade de terem deixado de trabalhar. Os jovens (18-29 anos) que estavam a trabalhar antes do início da pandemia declararam uma redução média de 23 por cento nas horas de trabalho e uma redução de 42 por cento nos rendimentos.

- Os jovens que viviam em países de rendimento baixo eram os mais suscetíveis de sofrer reduções nas horas de trabalho e, como resultado, a uma contração no rendimento e na produtividade autoavaliada. Ao mesmo tempo que os homens são mais afetados por esta situação (em grande parte explicada pelas diferenças nas profissões entre as mulheres e os homens), as mulheres tinham uma maior probabilidade de declarar uma diminuição na produtividade.
- Cerca de 17 por cento dos trabalhadores jovens declararam um aumento do tempo de trabalho, o que suscita preocupações sobre as horas extraordinárias e as dificuldades sentidas para se desligarem do trabalho durante a pandemia. Isto ocorre num contexto em que quase três quartos dos jovens trabalhadores declararam ter tido de trabalhar parcial ou totalmente a partir de casa.
- Havia uma maior probabilidade de as respostas imediatas dos governos destinadas a mitigar os impactos da crise nos mercados de trabalho chegarem aos jovens que permaneceram nos empregos após o início da pandemia, em comparação com os que tinham deixado de trabalhar.

³⁶ Ver OIT (2020b) para obter mais informações sobre as respostas políticas para combater o impacto da pandemia nas consequências no mercado de trabalho dos jovens. Disponível em: www.un.org/victimsofterrorism/sites/www.un.org/victimsofterrorism/files/un_human_rights_and_covid_april_2020.pdf

São necessárias respostas urgentes, em grande escala e direcionadas em matéria de política de emprego para proteger toda uma geração de jovens de ficarem com as suas perspetivas de emprego permanentemente marcadas pela crise. À luz das experiências relatadas no inquérito, as medidas específicas devem visar o seguinte:

- Combater o desemprego jovem e reintegrar no mercado de trabalho os jovens que perderam o emprego ou que declararam uma redução das horas de trabalho para zero após o início da pandemia. Tais medidas devem incluir políticas macroeconómicas (fiscais e monetárias) que orientem a despesa pública para a concessão de subsídios à contratação ou garantias aos jovens, bem como investimento em setores económicos com potencial para absorver jovens candidatos a emprego.
- Assegurar que as prestações de seguro de desemprego cobrem todos os jovens que perderam o emprego, a fim de evitar perdas de rendimento ainda maiores e facilitar o acesso às prestações dos que procuram ativamente um emprego.
- Integrar estratégias de definição de objetivos e de perfis para assegurar que as respostas públicas e privadas à crise incluem os jovens mais afetados, por exemplo, os jovens mais novos e os das categorias profissionais que abrangem os empregados administrativos, de serviços e de vendas, bem como os operários, artífices e trabalhadores similares.
- Alargar os apoios atribuídos aos jovens que permaneceram empregados durante a crise, assegurando-lhes o acesso à proteção social e tornando os trabalhadores jovens elegíveis para regimes de partilha de trabalho e de compensação por trabalho a tempo reduzido.
- Manter e alargar o apoio ativo ao mercado de trabalho e ampliar o acesso aos centros de emprego, visando assegurar a preparação para o emprego e transições de qualidade aos jovens. Tal implica reforçar os centros de emprego públicos e os prestadores privados com capacidades para corrigir as assimetrias na informação e aconselhar os jovens sobre perspetivas de emprego e de carreira ou vias para a formação contínua.
- Incentivar o diálogo social com o objetivo de impulsionar o acesso dos jovens trabalhadores às medidas de apoio às empresas e ao rendimento, promovendo simultaneamente os seus direitos laborais, o direito a desligarem-se do trabalho e as oportunidades de formação no posto de trabalho. A interação entre os agentes do diálogo social e instituições como os Conselhos Económicos e Sociais é fundamental para reforçar a representação dos jovens na conceção de políticas nacionais para os jovens, planos de ação nacionais relativos ao emprego dos jovens e outras medidas governamentais de apoio ao emprego digno para os jovens.

Ensino e formação

Uma vez que o ensino e a formação passaram da sala de aula para a aprendizagem *online* e a distância, as conclusões do inquérito revelaram os profundos fossos digitais existentes, sobretudo para os jovens dos países de rendimento mais baixo, bem como a perspetiva sombria dos jovens no que diz respeito aos resultados da aprendizagem.

- Mais de 70 por cento dos jovens que estavam a estudar ou combinavam os estudos com o trabalho na altura do inquérito foram negativamente afetados pelo encerramento de escolas, universidades e centros de formação. Os estudos e a formação de quase um em cada seis jovens foram completamente interrompidos, não tendo tido aulas, cursos ou testes desde o início da pandemia.
- Enquanto o mundo inteiro passou por uma transição massiva da sala de aula para a formação *online* e a distância, os jovens que vivem em países de rendimento mais baixo declararam um acesso muito mais limitado a aulas através de vídeo e a testes *online* do que os que vivem em países de rendimento elevado.
- Não obstante os esforços para assegurar a continuidade dos serviços no âmbito da educação e da formação, 65 por cento dos jovens declararam ter aprendido menos desde o início da pandemia, uma perceção que sublinha os grandes desafios envolvidos na deslocação da aprendizagem da sala de aula para dentro de casa.
- Metade dos jovens (51 por cento) acreditava que sofreriam atrasos nos estudos, enquanto 9 por cento pensavam que poderiam reprovar, uma avaliação mais frequente entre os jovens que tinham concluído o ensino secundário, em comparação com os que tinham concluído o ensino superior.
- Apesar da diminuição dos resultados em termos de aprendizagem, cerca de metade dos que se encontravam a estudar ou em formação procuraram novas oportunidades de aprendizagem, sendo os mais populares os cursos para melhorar as competências técnicas e profissionais.

Os atrasos ou as reprovações verificadas nas trajetórias educacionais são suscetíveis de impedir a rapidez e a eficácia na transição da escola para a vida ativa dos jovens de hoje.

Visando atenuar este risco, é importante:

- Proporcionar acesso a oportunidades de aprendizagem alternativas. As oportunidades de aprendizagem e de formação *online* necessitam de ser adaptadas de modo a melhorar as experiências de aprendizagem que dependem de uma melhor conectividade de banda larga e de fornecer acesso a equipamentos TIC, ferramentas digitais e materiais de ensino e aprendizagem, assim como conteúdos programáticos de qualidade adaptados a um público virtual de estudantes.
- Reforçar a utilização das tecnologias digitais entre os prestadores de serviços de educação e desenvolvimento de competências, com uma forte ênfase nos programas de Formação Técnica e Profissional (TVET).
- Aumentar o investimento em soluções digitais para o desenvolvimento de competências práticas e melhorar o acesso e desenvolver as capacidades de docentes, profissionais de formação, formadores, dirigentes e gestores em matéria de ensino *online*, a distância e misto, com particular ênfase na TVET e em instituições e programas de desenvolvimento de competências.
- Melhorar e modernizar o aconselhamento e a orientação profissional para ajudar os jovens a planear um emprego e uma carreira profissional em indústrias e setores com capacidade para absorver um afluxo de jovens que possuem uma licenciatura.

- Esforços públicos e privados para melhorar a qualidade e a relevância dos sistemas de educação e formação para que possam responder melhor às exigências do mercado de trabalho num mundo pós-pandêmico.

Bem-estar mental

O inquérito revelou que, a nível mundial, um em cada dois jovens com 18-29 anos estão possivelmente sujeitos a ansiedade ou depressão, ao passo que 17 por cento estão provavelmente afetados por estas. O nível de bem-estar mental médio é pior para as mulheres jovens, bem como para os mais jovens.

Os jovens cujos estudos ou trabalho tinham sofrido mais interrupções desde o início da pandemia revelaram um bem-estar mental fortemente reduzido. Tinham quase duas vezes mais probabilidades de serem *provavelmente* afetados pela ansiedade ou depressão do os que continuavam empregados. Tal evidencia as interligações entre o bem-estar mental, o sucesso escolar e a integração no mercado de trabalho.

Trinta e oito por cento dos jovens, a nível mundial, sentem-se inseguros quanto às suas perspetivas futuras de carreira e 16 por cento estão com receio..

A crescente sensação de ansiedade e medo que esta crise incutiu em muitos jovens ameaça atrasar a recuperação nos estudos e nos resultados dos jovens no âmbito do emprego.

Reconhecendo que a juventude é um período de transição e que o grupo com menos idade ainda se encontra num período de desenvolvimento físico, é importante:

- Salvar o seu bem-estar mental através de serviços de saúde mental, apoio psicossocial e atividades desportivas, atuando como medidas individuais ou modulares integradas em intervenções em matéria de emprego e de educação.
- Oferecer serviços de bem-estar mental, sobretudo a jovens cuja trajetória da escola para a vida ativa tenha sido afetada devido à interrupção do percurso educativo ou à perda de emprego. Tal implica um incremento das intervenções em matéria de bem-estar mental nas instituições de formação e de educação e nos centros de emprego públicos.
- Fomentar medidas que criem um ambiente positivo no local de trabalho para o regresso ao trabalho e o apoio contínuo dos trabalhadores jovens.

Os direitos

Para todos os jovens, e sobretudo para os que são vítimas de discriminação e desfavorecimento, os direitos humanos, que incluem os direitos laborais e o direito à educação, fornecem a base sobre a qual podem fazer ouvir a sua voz, organizarem-se, afirmar os seus interesses, criar mudanças sistémicas e encontrar trabalho produtivo e digno. As medidas para ficar em casa adotadas em todo o mundo têm sido necessárias para combater a pandemia da COVID-19, mas têm restringido a liberdade de circulação. As perceções dos jovens a este respeito refletem os efeitos adversos relevantes que estas têm tido nos seus direitos para além simplesmente do emprego, da educação e da saúde mental, nomeadamente:

- Um em cada três jovens inquiridos sentiu um impacto significativo na sua capacidade de participar em assuntos públicos, incluindo em protestos pacíficos.
- Mais de um quarto dos jovens (27 por cento) declararam que a pandemia teve um impacto significativo na sua capacidade para exercer o direito à liberdade de religião ou crença. Os jovens identificados como pertencendo a uma minoria étnica, religiosa ou outra, observaram impactos mais pronunciados a este respeito do que outros grupos de jovens.
- Quase um em cada quatro jovens (24 por cento) declarou ter sentido um impacto significativo no seu direito à informação.
- Os jovens que tinham deixado de trabalhar declararam mais frequentemente que o seu direito à habitação tinha sido negativamente afetado, muito provavelmente devido à perda de rendimentos, ao passo que os jovens casados ou a viver em união de facto sentiram um impacto mais significativo no seu direito a não ser vítimas de violência do que os jovens solteiros.

No que diz respeito aos investimentos no emprego jovem, é fundamental implementar uma abordagem centrada nos direitos que tenha em consideração a situação específica dos jovens para «reconstruir melhor» depois da pandemia.

O ativismo social e a voz dos jovens no que respeita a pandemia e as respostas políticas

O ativismo social jovem está a contribuir para mitigar os efeitos económicos e sociais da COVID-19, através do cumprimento das medidas dos governos, do voluntariado, das doações e do alcance, nomeadamente:

- Quatro em cada cinco jovens (18 e 29 anos) declararam ter ficado em casa a maior parte do tempo, enquanto dois em três procuraram amigos, familiares e entes queridos em larga medida.
- Mais de um quarto dos jovens declararam um elevado grau de envolvimento no voluntariado e ter feito doações para dar resposta à COVID-19. O seu envolvimento no voluntariado aumentou durante o período do inquérito (21 de abril a 21 de maio).
- À medida que o mundo assistiu a mudanças profundas nas atividades sociais e económicas, os jovens partilharam as suas perspetivas sobre as ações dos governos para contrariar a pandemia;
- A maioria dos jovens era a favor de medidas de permanência em casa com o objetivo de proteger os trabalhadores, os empregos e as empresas. Defenderam medidas fortes para proteger a saúde e a subsistência dos mais vulneráveis, incluindo os trabalhadores migrantes e os trabalhadores da economia informal.
- Os jovens exortaram os governos a, sempre que possível, aliviar gradualmente as restrições, com uma ênfase na saúde e segurança dos trabalhadores.
- Os jovens propuseram a tomada de medidas complementares para impulsionar os serviços de saúde e assegurar uma governação adequada através de informação, responsabilização e mecanismos de coordenação.

Os dados recolhidos do inquérito, juntamente com as histórias dos jovens sobre como ajudar a sociedade, mostram que, não obstante terem sido adversamente afetados pela pandemia, os jovens puderam demonstrar a sua solidariedade através de doações a organizações de beneficência e da sua resiliência, posicionando-se no cerne da procura e implementação de soluções.

Todos nós necessitamos de assegurar que os jovens podem exercer plenamente o seu direito de participar ativamente na tomada de decisões. Os jovens já estão a trabalhar para reconstruir as suas sociedades. Ao apoiá-los de forma igualitária e colaborativa, poderemos «Reconstruir Melhor», mais rápido e solidamente.

BIBLIOGRAFIA

- Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos (ACNUDH), 2018. *Youth and human rights: Report of the United Nations High Commissioner for Human Rights* (Genebra). Disponível em: <https://undocs.org/A/HRC/39/33> [20 de julho de 2020].
- Bureau Internacional do Trabalho (BIT). 2020a. *ILO Monitor: COVID-19 and the world of work. Fourth edition* (Genebra). Disponível em: https://www.ilo.org/wcmsp5/group/s/public/---dgreports/---dcomm/documents/briefingnote/wcms_745963.pdf
- . 2020b. *Preventing exclusion from the labour market: Tackling the COVID-19 youth employment crisis*, Policy brief, Maio (Genebra).
- . 2020c. *Global Employment Trends for Youth 2020: Technology and the future of jobs* (Genebra).
- Equinet. 2016. *Opening up the issue: Equality bodies combating discrimination against and promoting equality for young people* (Bruxelas).
- Ferguson, N.M.; Laydon, D.; Nedjati-Gilani, G.; Imai, N.; Ainslie, K.; Baguelin, M.; Bhatia, S.; Boonyasiri, A.; Cucunubá, Z.; Cuomo-Dannenburg, G.; Dighe, A., et al. 2020. *Report 9: Impact of non-pharmaceutical interventions (NPIs) to reduce COVID-19 mortality and healthcare demand* (Imperial College London). doi:10.25561/77482.
- Fórum Europeu da Juventude. 2016. *Excluding youth: A threat to our future* (Bruxelas). Disponível em: www.youthforum.org/sites/default/files/publication-pdfs/Excluding-youth-a-threat-to-our-future.pdf?fbclid=IwAR2NqrHXC7Qk4DJ5Mu3pVPFC7YtnKJDjpe98sqK-JaOjIGzR9vGp9iiYwKg [20 de julho de 2020].
- Gustafsson, M. 2020. *Young workers in the coronavirus crisis: Findings from the Resolution Foundation's coronavirus survey*, 18 de maio de 2020 (Londres, Resolution Foundation). Disponível em: www.resolutionfoundation.org/publications/young-workers-in-the-coronavirus-crisis [15 de julho de 2020].
- Inter-Agency Network for Youth Development (IANYD). 2020. *Statement on Covid-19 & youth* (Genebra). Disponível em: www.ohchr.org [20 de julho de 2020].
- Kessler, R.C.; Angermeyer, M.; Anthony, J.C.; De Graaf, R.; Demyttenaere, K.; Gasquet, I.; De Girolamo, G.; Gluzman, S.; Gureje, O.; Haro, J.M.; Kawakami, N., et al. 2007. "Lifetime prevalence and age-of-onset distributions of mental disorders in the World Health Organization's World Mental Health Survey Initiative" in *World Psychiatry*, Vol. 6, No. 3, pp. 168–176.
- Koushede, V.; Lasgaard, M.; Hinrichsen, C.; Meilstrup, C.; Nielsen, L.; Rayce, S.B.; Torres-Sahli, M.; Gudmundsdottir, D.G.; Stewart-Brown, S.; Santini, Z.I. 2019.

“Measuring mental well-being in Denmark: Validation of the original and short version of the Warwick–Edinburgh mental well-being scale (WEMWBS and SWEMWBS) and cross-cultural comparison across four European settings”, in *Psychiatry Research*, Vol. 271, pp. 502–509.

Murray, J. 2020. “Climate strikes continue online: ‘We want to keep the momentum going’”, in *The Guardian*, 22 de abril. Disponível em: www.theguardian.com/environment/2020/apr/22/climate-strikes-continue-online-we-want-to-keep-the-momentum-going [14 de junho de 2020].

Nações Unidas. 2020a. *COVID-19 and the need for action on mental health*, Policy brief, maio. Disponível em: www.un.org/sites/un2.un.org/files/un_policy_brief-covid_and_mental_health_final.pdf [20 de julho de 2020].

—. 2020b. *COVID-19 and human rights: We are all in this together*, Policy brief, Abril. Disponível em:

www.un.org/victimsofterrorism/sites/www.un.org.victimsofterrorism/files/un_human_rights_and_covid_april_2020.pdf [20 de julho de 2020].

Organização Mundial da Saúde (OMS). 2020. *Facts and figures on suicide* (Genebra). Disponível em: <https://news.un.org/en/story/2020/05/1063882> [20 de julho de 2020].

Programa das Nações Unidas para a Juventude. 2020. *Special issue on COVID-19 and youth* (Genebra). Disponível em: www.un.org/development/desa/dspd/wp-content/uploads/sites/22/2020/04/YOUTH-FLASH-Special-issue-on-COVID-19-1.pdf [20 de julho de 2020].

Rubery, J. e Rafferty, A., 2013. Women and recession revisited. *Work, employment and society*, 27(3), pp.414–432.

União Interparlamentar (UIP). 2016. *Youth participation in national parliaments* (Genebra).



REFORÇAR O IMPACTO DA AÇÃO NO EMPREGO JOVEM

CONTACTE

DECENTJOBSFORYOUTH@ILO.ORG

ENVOLVA-SE

WWW.DECENTJOBSFORYOUTH.ORG

SIGA

[@DECENTJOBSYOUTH](https://www.instagram.com/DECENTJOBSYOUTH)

PARTILHE

[#DECENTJOBSFORYOUTH](https://www.facebook.com/DECENTJOBSFORYOUTH)